



# καιρός | kairós

---

Boletim do Centro de Estudos em  
Arqueologia, Artes e Ciências do  
Património

---

N.º 3 - Outono de 2019

---

CEAACP - UC/CAM/UALG

---

## FICHA TÉCNICA

**Título** καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º** 3, Outono de 2019

**Editores do volume** J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | S. Gomes

**Autores** A. Canha | A. González Soca | C. A. Gonçalves | I. Pinto | J. Alves-Ferreira | J. Antunes | M. Carvalho | M. Conceição Lopes | R. Alfenim | S. Soares Lopes

**Imagem de capa** São Martinho Misericordioso, «Images de la vie du Christ et des Saints», c. 1250-1300. Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits. NAF 16251, fl. 89 r.

**Edição** CEAACP

**ISSN** 2184-7193

**DOI** [https://doi.org/10.14195/2184-7193\\_3](https://doi.org/10.14195/2184-7193_3)

**Suporte** Digital | **Formato** PDF

**Contactos** ceaacp@uc.pt

**Financiamento**



Centro de Estudos  
em Arqueologia  
Artes  
e Ciências do Património



FCT  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

## ÍNDICE

EDITORIAL .....	1
ARQUIVOS DA TERRA	
Castelo Velho de Freixo de Numão: da interpretação .....	4
[para]ficções: devir, deslocação e memória. A experiência da Polaroid como possibilidade de uma contínua re-iniciação do mundo .....	16
Paisagens Fortificadas e Monumentalizadas da “Beira-Douro” (III ao I milénio a.C.). Arquitecturas, Cenários e Simbologias .....	32
TERRITÓRIOS DA ARTE	
A caridade em <i>Sancti Martini</i> em Amiens .....	46
Projecto À MARGEM .....	62
Alguns temas bíblicos nos azulejos holandeses na Casa do Paço .....	68
TRAÇOS DAS HERANÇAS	
S. Cucufate, <i>villa</i> romana: 40 anos depois .....	90
S. Cucufate, ou o suave ondular da seara do tempo, II .....	96
INTEMPORAL - Estratégias para habitar um monumento .....	106

# EDITORIAL

J. ALVES-FERREIRA | L. BACELAR ALVES | S. GOMES

Outono de 2019. Na secção [Territórios da Arte], C. A. Gonçalves escreve sobre São Martinho, invocando, deste modo, o ciclo de festividades da estação do ano em que nos encontramos. É um texto que, entre a arte e a hagiologia, versa sobre a ética da hospitalidade. Conhecer/Celebrar São Martinho é, assim, um modo de aprender sobre a importância da hospitalidade como modo de pensar e agir face aos desafios do mundo contemporâneo. Na mesma secção, J. Antunes apresenta o projeto À margem, no qual o fenómeno artístico é abordado de modo transdisciplinar no sentido de compreender as geografias da arte. I. Pinto fala-nos sobre o património azulejar da Figueira da Foz, designadamente da Casa do Paço; apresenta em pormenor os temas bíblicos representados nos azulejos deste edifício, convidando o leitor a consultar a sua tese de mestrado onde desenvolve o estudo.

Nos [Arquivos da Terra], encontram-se três artigos que têm em comum um tipo de dispositivo arquitetónico da pré-história recente europeia: os recintos murados. S. Lopes escreve sobre um projeto iniciado há 30 anos: o estudo do Castelo Velho de Freixo de Numão. É um texto que discute os limites e as possibilidades da arqueologia pré-histórica e, especificamente, o modo como tais limites e possibilidades foram variando ao longo dos 30 anos de estudo de Castelo Velho. É um texto sobre o modo como a prática arqueológica é uma procura da singularidade dos vestígios; uma procura contingente que pode ser interpelada a qualquer momento por um qualquer vestígio ou interrogação. J. Alves-Ferreira apresenta o arquivo de registos polaroid que tem vindo a colecionar na sua experiência em Castanheiro do Vento (outro dos recintos da Pré-história Recente do Alto Douro); é um ensaio que procura dar atenção à contingência da escavação e acolher a momentaneidade dos seus registos. A. Canha apresenta o seu projeto de doutoramento, no qual o estudo desta tradição arquitetónica é alargado a períodos proto-históricos, contribuindo, deste modo, para a compreensão do modo como dispositivos arquitetónicos, que recorrem a métodos construtivos semelhantes, colocam em cena diferentes mundividências.

A villa romana de São Cucufate é protagonista da secção [Traços das Heranças]. Há quarenta anos começou o estudo desta estação emblemática da arqueologia romana em Portugal; um marco celebrado pelo CEAACP, em associação com outras instituições – designadamente, a DRC Alentejo e o Município de Vila Frades. M. C. Lopes, apresenta o conjunto de atividades de comemoração da memória do lugar e da investigação desenvolvida. R. Alfenim escreve também sobre esta memória e sobre o dever de usar esta memória (uma memória das comunidades romanas e das comunidades de arqueólogos) como modo de transformar caminhos; de procurar alternativas de futuro. Por último, A. G. Soca escreve o modo como explorou a interseção de projetos, memórias, expectativas na instalação INTEMPORAL, uma das atividades que visava comemorar o projeto de São Cucufate e colocar em diálogo a diferença com que cada um contribui para a emergência e atualização deste lugar.



Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de Joana Alves-Ferreira)



# arquivos da terra



# Castelo Velho de Freixo de Numão: da interpretação.

Susana Soares Lopes | Professora catedrática aposentada da  
FLUP | CEAACP/FCT/UCoimbra



Em finais de 1988 o Serviço Regional de Arqueologia da zona centro do então IPPC solicitou a minha intervenção de emergência na estação arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Em Setembro de 1989 realizei, neste âmbito, uma primeira campanha de escavações. A partir de 1990 até 2007, a pesquisa global do sítio passou a estar submetida a um projecto de investigação de minha autoria, financiado ao longo do tempo por diversos programas. Em 2001, o então presidente do IPPAR, Luís Calado, desafiou-me a executar trabalhos conducentes ao estudo, musealização e fruição pública do sítio. Graças aos meios fornecidos pelo Estado para a concretização desses objectivos, o lugar musealizado de Castelo Velho foi aberto formalmente ao público em 2007. Numa área próxima do sítio foi construído um centro interpretativo, projecto arquitectónico de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandes (FAUP). Do programa de 2001 ficou em falta até ao presente a criação dum espaço museológico dedicado à Pré-História Recente regional, sediado em Freixo de Numão, e ainda o desenvolvimento dum política efectiva de valorização e integração deste recurso patrimonial na região do Alto Douro português.

Durante os primeiros cinco anos de estudo do sítio (1989-1993) classifiquei-o como um “povoado fortificado” do Calcolítico e da Idade do Bronze. A interpretação assentava na premissa clássica de que a arquitectura do lugar era constituída por vestígios de “muralhas” que delimitavam um espaço sub-circular no topo do morro. Os muros encontrados foram descritos como socos de muralhas e, por analogia com outras arquitecturas consideradas similares da Península Ibérica, o sítio de Castelo Velho foi rotulado de “fortificação” do 3º e 2º milénio AC. O procedimento interpretativo não diferia em nada do que sempre havia sido usado pelos arqueólogos ibéricos que haviam abordado esta temática. A assunção de que muros equivaliam por si só a vestígios de muralhas determinava a construção imediata e apriorística de “povoado fortificado”, trazendo como consequência efectiva a irrelevância da escavação para o conhecimento da funcionalidade/funcionalidades do lugar. A escavação ajudava à determinação da cronologia relativa e à definição da planta global. Mas, de facto, em última análise, não dependia da escavação o exercício de ponderação sobre a natureza das actividades que se haviam jogado na construção e reutilização do sítio. Tudo o que se exumava durante a escavação encaixava automaticamente e confirmava, sem suspeita, a existência dum “povoado fortificado”. Diria hoje que tal abordagem, no limite, podia prescindir da escavação para a classificação global destes sítios considerados icónicos da Pré-História Recente peninsular.





Foto de João Muralha, 2005.

Em 1994, no âmbito da investigação que realizei para uma “lição” em provas públicas de agregação, na FLUP, procedi à inventariação dos “povoados fortificados” calcolíticos publicados da Península Ibérica. Tratava-se de não só analisar a natureza deste universo analítico, sem almejar, de início, desagregar as interpretações correntes. Com alguma perplexidade defrontei-me com uma acentuada heterogeneidade regional destes sítios, ao nível de localizações e relações com a paisagem, cronologias de construção e tempos de uso, tipologias arquitectónicas, funcionalidade de contextos, etc. O universo “fortificação” não era consistente e precisava de ser reequacionado. Alargando a análise a sítios contemporâneos e similares europeus, acedi à discussão em torno dos mais variados tipos de recintos que

mapeavam a Europa ocidental durante o 3º milénio AC. **Subitamente compreendi que era necessário visitar cada um destes sítios ibéricos com um novo olhar.** Relativamente ao recinto de Castelo Velho, intuía que era preciso identificar contextos específicos que me permitissem construir hipóteses, de escala intermédia, sobre a global funcionalidade do lugar, no tempo longo do 3º/2º milénio AC. Designei em 1994 Castelo Velho como um “lugar monumentalizado”. A partir de 1997 redesenhei a estratégia de intervenção de campo, investindo na escavação como peça fundamental de revisitação do lugar.



Foto de Higinio Matos, 2005.

O ano de 1997 foi extremamente importante no processo interpretativo do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. A descoberta e registo pormenorizado, em campo, duma estrutura com ossos humanos teve a colaboração, durante a escavação, duma antropóloga física. Mas o estudo, em gabinete, de todos os elementos que constituíam o conteúdo desta estrutura revelou uma situação inédita: tratava-se duma deposição intencional, extraordinariamente bem organizada, desenvolvendo-se em cinco níveis, e contemplando, para além de ossos humanos desconectados e outros em conexão anatómica, fragmentos de vasos cerâmicos, um pequeno vaso liso, inteiro, pesos de tear, um fragmento de moinho manual, uma conta de colar, e lajes de xisto azul. Os fragmentos cerâmicos não colavam entre si. Tinham ali sido colocados, enquanto fragmentos seleccionados, tal como todos os outros restantes elementos da deposição. Estávamos perante uma deposição complexa, centrada na manipulação do esqueleto e do corpo humanos, associada à selecção de outras materialidades também intencionalmente fragmentadas. Era a primeira vez que, no âmbito dum recinto (longe de contextos sepulcrais clássicos), se descobria um contexto de deposição, que, além do mais,

jogava intencionalmente com a exibição/ocultação de fragmentos de “coisas”. A estranheza, à época, na arqueologia ibérica, deste contexto não me impediu de o publicar em 1998 como sendo de natureza “ritual”, ainda que, mais tarde, tenha reflectido sobre a operacionalidade deste conceito quando aplicado ao passado do 3º milénio AC. Entre 1998 e 2003, período em que se escavou em área todo o recinto, foram identificadas diversas deposições intencionais, ainda que tipologicamente muito diversas. A variabilidade formal das referidas deposições foi interpretada como integrando diferentes coreografias cerimoniais, fundamentalmente activas ao longo do 3º milénio AC. A sua ocorrência em Castelo Velho remetia-nos/remete-nos para questões estruturais: como identificar uma deposição? qual o sistema social que a determinou? Qual a dinâmica social que a mesma gera? De qualquer das formas, a descoberta em Castelo Velho de deposições, associadas a características arquitectónicas do sítio, e à sua específica localização na paisagem, foi determinante para **a construção duma interpretação global sobre a funcionalidade do lugar**, sobretudo durante o 3º milénio AC.



Foto de Sérgio Gomes, 2005.



Foto de João Muralha, 2005.

Castelo Velho olha a Meseta através dum ângulo de 180 graus. O horizonte desdobra-se em inúmeros planos até à distante serra da Marofa. O recinto encontra-se localizado num esporão, que emerge como um “ponto de vista” sobre uma paisagem extraordinária que se desenrola em sucessivos patamares. Não é difícil atribuir a esta localização privilegiada uma intencionalidade cénica que se articula bem com o carácter cerimonial das actividades congregadoras que terão encontrado, no interior (e à volta?) do recinto, o palco ideal para se expressarem. Mas se Castelo Velho terá sido um dispositivo social de controlo de pessoas e coisas em torno duma arena cenográfica, importa interrogar o território social em que o recinto esteve activo entre o 3º e o 2º milénio AC. A estabilidade identitária das comunidades agro-pastoris da região terá recorrido a lugares como Castelo Velho para, no seu interior, através de múltiplas acções, operar o complexo processo de integração social. Tendo em conta que as deposições encontradas no recinto pressupuseram, em regra, a manipulação de “coisas” antes da sua colocação em estruturas de Castelo Velho, importa futuramente investigar, na região, a rede de lugares socialmente interrelacionados que sustentou a singularidade funcional deste recinto.



Foto de Sérgio Gomes, 2005.

O recinto de Castelo Velho é um lugar de difícil leitura, sobretudo porque os seus contextos nos advertem para a distância incomensurável entre a mundividência pré-histórica e a do presente. Desta forma torna-se necessário visualizar o seu passado, não como uma simples variação do presente, nem como um território-outro, completamente inacessível. O repto de fazer sentido passa pelo desafio de se tentar aceder a uma realidade que, não sendo familiar e apresentando-se descontínua relativamente ao presente, **permanece aberta ao exercício de outras representações.**



Foto de João Muralha, 2005.



## **[para]ficções: devir, deslocação e memória.**

**A experiência da Polaroid como possibilidade  
de uma contínua re-iniciação do mundo.**

Joana Alves Ferreira | CEAACP/FCT/UCoimbra

“[...] History decays into images, not into stories [...].”

Benjamin | 1999 [1982]: 476 [N11, 4]

“Diante de uma imagem - por muito recente ou contemporânea que seja -, também o passado nunca cessa de se reconfigurar, já que esta imagem também só se torna pensável numa construção da memória, senão mesmo do assombro. Diante de uma imagem, afinal, temos de reconhecer humildemente o seguinte: é provável que sobreviva à nossa existência, diante dela somos nós o elemento frágil, passageiro, e diante de nós é ela o elemento do **futuro**, o elemento da duração. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro do que o ente que a olha.”

Didi-Huberman | (2017 [2000]): 10

**[parafictions | parafacts]**: “Fiction or fictiveness has emerged as an important category in recent art. But, like a paramedic as opposed to a medical doctor, a parafiction is related to but not quite a member of the category of fiction as established in literary and dramatic art. It remains a bit outside. It does not perform its procedures in the hygienic clinics of literature, but has one foot in the field of the real. Unlike historical fiction’s fact-based but imagined worlds, in parafiction real and/or imaginary personages and stories **intersect with the world as it is being lived**. Post-simulacral, parafictional strategies are oriented less toward the disappearance of the real than toward the pragmatics of trust. Simply put, with various degrees of success, for various durations, and for various purposes, these fictions are experienced as fact. [...] For despite their many precedents, parafictions interest me because they are so powerfully and uniquely appropriate to our historical moment - which is to say, powerfully and uniquely troubling.”

Lambert-Beatty | 2009: 54; 58

“[...] o registo arqueológico é um modo de criação de vestígios para um amanhã; um amanhã qualquer. São registos que resistem à direção imposta pela situação inicial de onde partiram, na qual o amanhã se media enquanto previsão de um conjunto de resultados. São registos que, mais do que centrados nos outputs da pesquisa, se querem enquanto testemunhos da singularidade da experiência. São registos de “si para consigo” no confronto de “si” com um “outro” [...]. São vestígios ancorados no presente que, enquanto focos de resistência à direção dos projetos desse presente, **abrem as possibilidades de se fazer a memória da sua experiência.**”

Gomes | 2017: 189

“Nos gestos sem nome podem irromper forças selvagens, acontecimentos onde todos os corpos se afirmam como o avesso de um sentido. Nesse instante quase branco, a arte e o discurso podem ser um **lugar político**, isto é, ‘um lugar onde nascem e se manifestam forças, um lugar onde se forma a história, e de onde o tempo surge’ (Foucault, 2001: 1269). Estes gestos são actos de resistência: a força de um *devoir* que é sempre, enquanto resistência, um *devoir-minoritário* (Deleuze). [...] **No limite, todo o encontro é um sentido improvável.**”

Vilela | 2011: 20



Da esquerda para a direita:

“To read what was never written”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009

“Num contínuo chegar do tempo. Porque, talvez, o mundo seja a infinita infância do seu sentido”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Ver, como quem pergunta pelo invisível. No silêncio da palavra, ver é uma forma de olhar que atravessa lugares por descobrir. Assim respiram os incêndios do tempo”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.



Da esquerda para a direita:

“Infinito descontínuo I”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Atlas: photographing photographs”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

“Diffused Reality: Space, memory, text”. Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), 2009. © Joana Alves-Ferreira, 2009.

[Ensaia]. E, ensaiando, escrever para que continue. Mesmo se, para tal, como escreve Maria Gabriela Llansol, “tenha de mudar de forma, mesmo que o faça atravessar territórios desconhecidos, mesmo que o leve a contemplar paisagens que lhe são difíceis de nomear” (Llansol 1994: 116).

[Ensaiair o acontecer]. A experiência da Polaroid como exercício de deslocação da narrativa da lisura do fio do tempo.

A experiência com a Polaroid funda-se na dobra exata entre testemunho, tempo e história. Nessa experiência, procura-se aprender a criar a possibilidade de uma outra experiência de linguagem como forma de diálogo inacabado. Nessa possibilidade de deslocamento, é uma linguagem que se constitui, continuamente, em devir. Isto é, no avesso da posse pela representação (sequencial e linear) das coordenadas de um conjunto de factos. Nesse movimento, a experiência da Polaroid não veicula uma semelhança. Veicula, apenas, um contacto com a dinâmica do acontecer. Nessa vibração, as Polaroids emergem como focos de resistência a uma qualquer gramática que, pré-definindo os gestos, confirme as figuras reconhecíveis de domesticação do real (Vilela 2010a). Enquanto focos de resistência, as Polaroids “entregam-se-nos como o inverosímil e improvável acontecer de um acontecimento que não cessa de acontecer” (Prado Coelho 2010[1988]: 679).

[Ensaiai o olhar]: No silêncio da palavra, ver é uma forma de olhar que atravessa lugares por descobrir. Paisagens de imaginação, onde o tempo e o espaço se dispersam e confundem. Onde o tempo? Quando o espaço?

[Ensaiai a montagem] de formas nascentes de mundo - das coisas que jamais estiveram unidas e que não pareciam dispostas a estar - é a arte de aprender a esboçar corpos em formação. No encontro com provisório, é a aprendizagem da atenção e do cuidado com um sentido improvável. Nessa atenção, a experiência é uma arte de fazer perigar os corpos. A arte de aprender as formas no deslocamento da sombra.

[Ensaiai o encontro com o diverso]. Nesse encontro, onde se resguardam todas as possibilidades de começo, ensaiar uma forma-outra de olhar o acontecimento como um contínuo chegar do tempo.

### [Ensaiair um pensamento que se traça pela compreensão]

Perante a estranheza infinita do mundo, compreender que a memória não se possui. A memória é em movimento. É vibração. Nesse estremecimento, a memória afigura-se, a cada instante, sob a forma de pensamento possível do acontecimento. Um pensamento que se traça pela compreensão e que, pela compreensão enquanto criação de sentido, se constitui como prática inventiva de memória do acontecimento, transformando-o num começo (Arendt 2001: 247). Na perspectiva da possibilidade de começo - do improvável e inesperadamente novo -, a compreensão possibilita resgatar a memória da sujeição ao tempo linear como cronologia dos acontecimentos. Na possibilidade intrínseca a cada começo, encontra-se a possibilidade de uma experiência ética como prática política de liberdade e de criação, isto é, “de um lugar onde nascem e se manifestam forças, um lugar onde se forma a história, e de onde o tempo surge” (Vilela 2011: 20).

Compreender essa possibilidade como promessa de vida no contínuo presente de cada um de nós, é tocar e deixarmo-nos ser tocados pelo acontecimento que se indicia a cada começo. No toque como movimento de compreensão, a ética de um pensamento que parte de um contínuo presente. Nessa possibilidade de re-iniciação do mundo, ir ao encontro da infância entre as ruínas como forma frágil de amar (Vilela 2010b).



“Infinito descontínuo II. Da atenção e do aprender no limiar de um lugar possível”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017.



"Where is the Nymph?" Exercício de montagem sobre Polaroid original.  
Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009).

© Joana Alves-Ferreira, 2015.



“[Des]montar: a arte de citar sem aspas.” Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009).

© Joana Alves-Ferreira, 2017.

imagination





“Da Infância entre Ruínas: Aprender as formas no contínuo deslocamento da sombra como forma frágil de amar”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017



“Da Infância entre Ruínas. Como um pulsar do coração ”. Exercício de montagem sobre Polaroid original. Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, 2009). © Joana Alves-Ferreira, 2017.

## Bibliografia

- ALVES-FERREIRA, Joana (2019a). Parafictions: a Polaroid archaeology. In Lesley McFadyen and Dan Hicks (eds.) *Archaeology and Photography: Time, Objectivity and Archive*. London/New York: Bloomsbury Visual Arts, pp. 96-106.
- ALVES-FERREIRA, Joana (2019b). Vozes de Silêncio. O que resta de Castelo Velho? Topografias de poeira introduzíveis [online]. In Susana Soares Lopes (coord.) *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-Histórico do Alto Douro Português. digitAR*, Extra Número 1: 111-148. [Disponível em:] <https://impactum-journals.uc.pt/digital/article/view/6751>
- ALVES-FERREIRA, Joana (2017). The art of endangering bodies. A first movement on 'how to read what was never written'. In A. Vale, J. Alves-Ferreira and I. Garcia Rovira (eds.) *Rethinking Comparison in Archaeology*. Newcastle: Cambridge Scholars, pp. 13-39.
- ALVES-FERREIRA, Joana (2013). Instantes da Espera. A experiência da Polaroid enquanto experiência de expectativa [online]. *Al-Madan Online*, II.ª Série, nº 18, Tomo I: 11-17 [Disponível em:] [https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18\\_1\\_online](https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18_1_online)
- ARENDT, Hannah (2001). *Compreensão e Política e outros ensaios - 1930-1954*. Seleção e tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- BARRENTO, João (2005). *Ler o que não foi escrito. Conversa inacabada entre Walter Benjamin e Paul Celan*. Lisboa: Edições Cotovia.
- BENJAMIN, Walter (1999 [1982]). *The Arcades Project* [Das Passagen - Werk, 1927-1940]. Trans. by Howard Eiland & Kevin McLaughlin and prepared on the basis of the German volume edited by Rolf Tiedeman. Cambridge, Massachusetts / London, England: Belknap Press of Harvard University Press.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (2017 [2000]). *Diante do Tempo. História da Arte e Anacronismo das Imagens*. Lisboa: Orfeu Negro.
- GOMES, Sérgio Alexandre (2017). Vestígios para um amanhã. *Biblos - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, nº 3, 3.ª Série: 169-192. [https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-3\\_8](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-3_8)
- LAMBERT-BEATTY, C. (2009). Make-Believe: Parafiction and Plausibility. *October* 129: 51-84.
- LLANSOL, Maria Gabriela (1994). *Lisboaleipzig 1: O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Edições Rolim.
- PRADO COELHO, Eduardo (2010[1988]). *A Noite do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- VILELA, Eugénia (2010a). *Silêncios Tangíveis. Corpo, Resistência e Testemunho nos Espaços Contemporâneos de Abandono*. Porto: Edições Afrontamento.
- VILELA, Eugénia (2010b). A infância entre as ruínas. In, Pedro Angelo Pagni e Rodrigo Pelloso Gelamo (org.) *Experiência, Educação e Contemporaneidade*. Marília/S.Paulo: Poiesis Oficina Universitária / Cultura Acadêmica Editora.
- VILELA, Eugénia (2011). Arquipélagos de Sentido. Deslocações entre discurso, sentido e história. In E. Vilela *Arquipélagos de Sentido. Estética(s) e Artes I*. Porto: Edições Afrontamento.



# **Paisagens Fortificadas e Monumentalizadas da “Beira-Douro” (III ao I milénio a.C.)**

**Arquitecturas, Cenários e Simbologias**

Alexandre Canha | CEAACP/FCT/UCoimbra

## Introdução

O projecto *Paisagens Fortificadas e Monumentalizadas da “Beira-Douro” – Arquitecturas, Cenários e Simbologias* (SFRH/BD114673/2016) visa analisar na longa diacronia os sistemas defensivos pré-romanos do Norte da Beira Alta e Douro Vinhateiro (Figura 1), designada de “Beira-Douro”, desde a sua génese no 3º milénio a.C. até ao final da Idade do Ferro.

A análise assenta em duas vertentes articuladas e complementares: poliorcética e paisagem. A primeira aborda, do ponto de vista operante, os sistemas defensivos presentes nos povoados e recintos da área de projecto, com ênfase nas vertentes arquitectónica, construtivo-funcional e simbólica.

A segunda abordagem, na perspectiva da Arqueologia da Paisagem, analisa o papel das estruturas fortificadas no processo de territorialização e apropriação espacial, nomeadamente factores determinantes na escolha de locais de ocupação, bem como as relações entre assentamento (povoados) e movimento (caminhos).

## A área de estudo

A definição da Área de Estudo, que serve de *case-study* tem subjacente o critério de paisagem enquanto território construído e modelado por uma comunidade. Uma construção económica, simbólica e social conferindo-lhe uma identidade cultural construída ao longo do tempo, baseada em direitos e deveres. Assim, optou-se pelo conceito de Unidades de Paisagem de acordo com a obra *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Estas unidades, são identidades culturais distintas enquanto resultado de soluções diversas de apropriação e construção do espaço/território pelo homem.

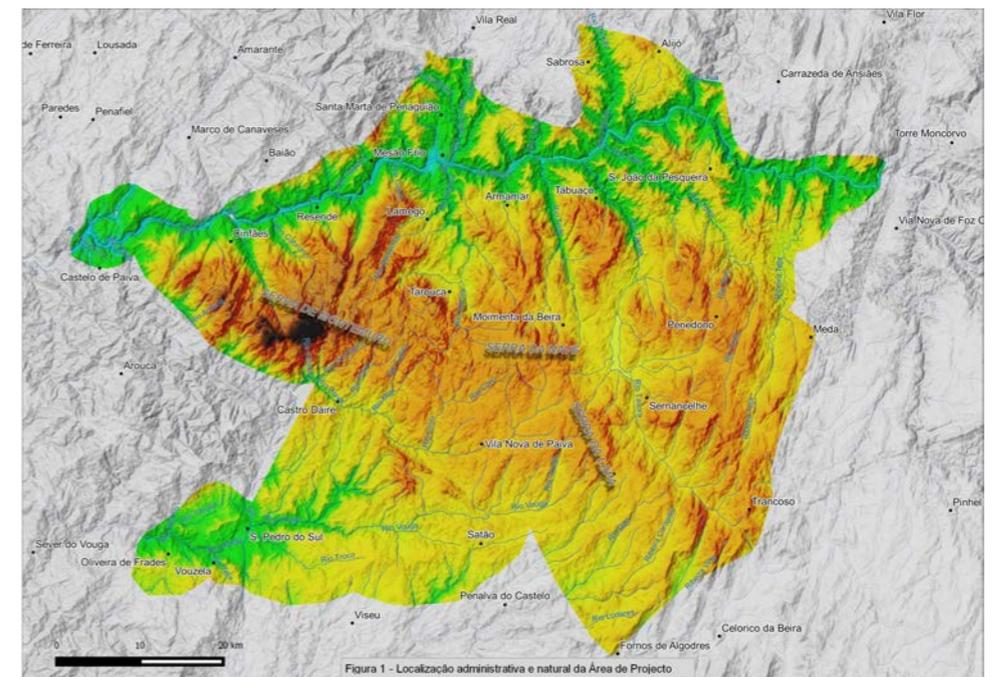
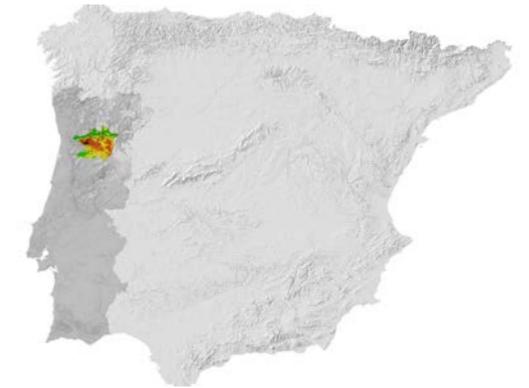


Fig. 1 – Enquadramento da área de projecto

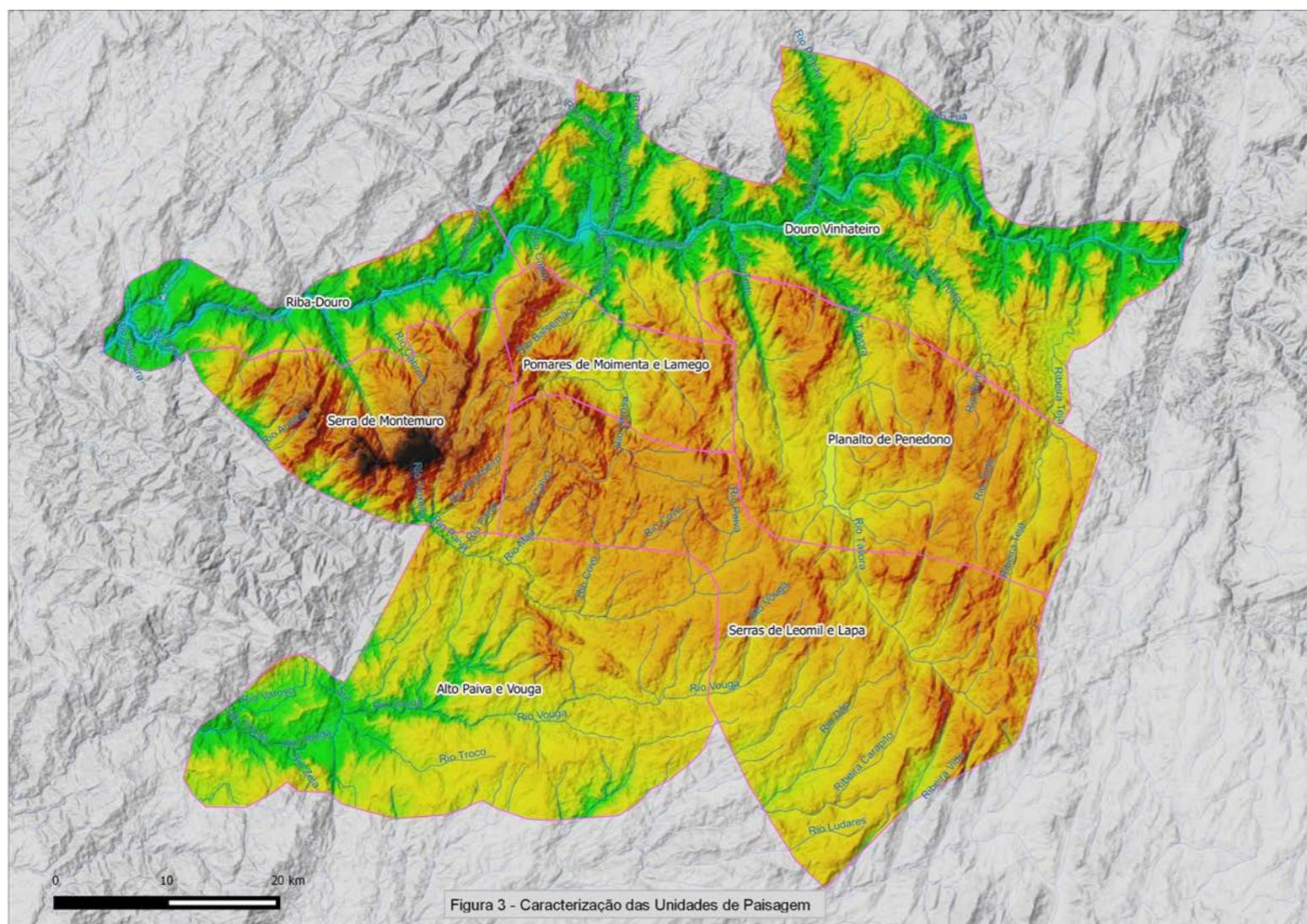


Fig. 2 – Representação das Unidades que Paisagem que compõe a Área de Projecto

Definiu-se uma área nuclear com alguma homogeneidade geomorfológica e orográfica e que corresponde às Unidades de Paisagem Serra de Montemuro, Serras do Leomil de Lapa e Planalto de Penedono. Para além desta área nuclear considerou-se fundamental a existência de zonas paisagística e morfologicamente distintas com a função de zonas controlo de forma a abranger e ampliar a maior amostragem possível de assentamentos fortificados e tipologias de estruturas defensivas e/ou monumentalizadas para se poder mais eficazmente contrastar os resultados. Para tal adoptaram-se Unidades adjacentes nomeadamente: Riba-Douro, Douro Vinhateiro, Pomares de Moimenta e Lamego e Alto Paiva e

Vouga (Figura 2). De uma forma genérica as Unidades de Paisagem seleccionadas dividem-se em dois grandes grupos um correspondente à parte norte Beira Alta (onde se inserem Serra de Montemuro, Serras do Leomil de Lapa, Planalto de Penedono, Pomares de Moimenta e Lamego e Alto Paiva e Vouga) e o outro grupo o do Douro (Riba-Douro e Douro Vinhateiro). Desta forma, e por uma questão de simplificação terminológica, optou-se por designar a área de projecto como “Beira-Douro”, ainda que esta não exista enquanto Unidade de Paisagem uniforme e coerente.

## Estado da questão

Na “Beira-Douro” as diversas fontes de informação revelam a existência de pouco mais de uma centena de povoados fortificados, contudo, em apenas metade deles, é descrita a presença de sistemas defensivos, ainda assim em muitos desses casos não é claro o tipo de estruturas ou o seu número. A ausência de uma inventariação, realocização e estudo sistemático dos povoados fortificados, alguns deles em risco de desaparecimento foi um dos factores que impeliu o projecto. Com efeito, apesar do estudo das fortificações Pré e Proto-históricas de há muito despertar o interesse de eruditos desde as primeiras visões da historiografia ilustrada, até à cientificidade do século XX, a atenção centrou-se, sobretudo no caso do 1º milénio a.C., geralmente em estudos de arquitectura e urbanismo, muitas vezes seguindo demasiado literalmente as fontes clássicas. Neste contexto, os Sistemas Defensivos eram entendidos como mais um componente do estudo do proto-urbanismo, geralmente prevalecendo priorado da forma sobre a função. Já no século XXI o estudo dos Sistemas Defensivos autonomiza-se sob o impulso de um projeto peninsular de grande fôlego conduzido por L. Berrocal-Rangel, a partir do qual nasce uma nova visão sobre os sistemas defensivos.

## Objectivos

Pretende-se estudar os Sistemas Defensivos enquanto elementos funcionais e marcadores territoriais, definindo-se para isso dois grupos de objetivos distintos. Um dedicado à poliorcética com ênfase nas vertentes arquitectónica/construtiva/funcional e simbólica das estruturas defensivas. O segundo prende-se com a interpretação das estruturas defensivas enquanto marcadores de paisagem e territorialização. Os objectivos podem genericamente sistematizar-se da seguinte forma:

### Poliorcética e sistemas defensivos em geral

1. Inventariação e registo dos povoados do 3º ao 1º milénio a.C. com estruturas defensivas e monumentalizadas;
2. Caracterização formal e funcional dos elementos defensivos de cada povoado;
3. Análise da variabilidade arquitectónico-construtiva dos sistemas defensivos;
4. Compreender o processo de amuralhamento e evolução das estratégias defensivas;
5. Estudo das afinidades poliorcéticas com regiões vizinhas.

## Abordagem e plano de pesquisa

O projecto consiste no inventário, relocalização e levantamento de todos os sítios cuja bibliografia referencia a presença de estruturas defensivas sejam elas complementares (p. ex. fossos) ou estruturas amuralhadas (Figuras 3 a 5). Esta avaliação visa analisar a funcionalidade e eficácia dos elementos defensivos, mas também o simbolismo destes, enquanto elementos de uma paisagem de poder. Neste sentido optou-se por um estudo abrangente numa perspectiva de ampla diacronia entre o 3º e o 1º milénio a.C., pois desta forma é possível compreender a evolução do processo de amuralhamento desde a sua génese até ao apogeu nos finais do 1º milénio a.C.

Além da utilização de metodologias tradicionais, o projecto recorre a outras, que em anos recentes, têm vindo a revelar resultados bastante interessantes como é o caso da detecção remota. No caso do LiDAR esta tecnologia tem vindo fornecer em Espanha dados muito interessantes e de grande relevo no que se refere à identificação e caracterização estruturas defensivas ocultas pela vegetação. Em Portugal a ausência de um levantamento LiDAR de todo o território nacional não permite esta abordagem. Desta forma aplicam-se outras metodologias como o levantamento aéreo com UAV, que possibilita, entre outros a restituição fotogramétrica, modelação tridimensional de sítios (Figura 6) e aplicação de filtros de cor (Figura 7).

## Território e paisagem

1. Estudo do território, partindo da análise dos factores determinantes de implantação dos sítios sistematizando/hierarquizando critérios que presidiram à eleição de um local para assentamento/defesa (Estratégicos, Naturais, Económicos, Simbólicos);
2. Compreender as relações de assentamento e movimento e a forma como esta “paisagem de acessos” condiciona as estratégias de implantação e abandono de um espaço num determinado território;
3. Análise do papel das estruturas fortificadas no processo de territorialização do espaço enquanto elementos construtivos, funcionais e marcadores da paisagem;
4. Inferir padrões de assentamento ou tendências de ocupação do território.



Fig. 3 (à esquerda, em cima) – Fosso monumental do povoado de Paço de Vilharigues (Vouzela). Do lado direito escarpa, à esquerda contra-escarpa. 1º milénio a.C. (Idade do Ferro/Romano).

Fig. 4 (à esquerda, em baixo) – Troço de muralha em muito bem conservado no povoado da Idade do Ferro/Romano de S. Domingos de Fontelo (Armamar). 1º milénio a.C. (Idade do Bronze Final / Idade do Ferro/Romano).

Fig. 5 (à direita, em cima) – Muralha do castro de Vilarelho, Favaios, Alijó. 1º milénio a.C. (Idade do Ferro).

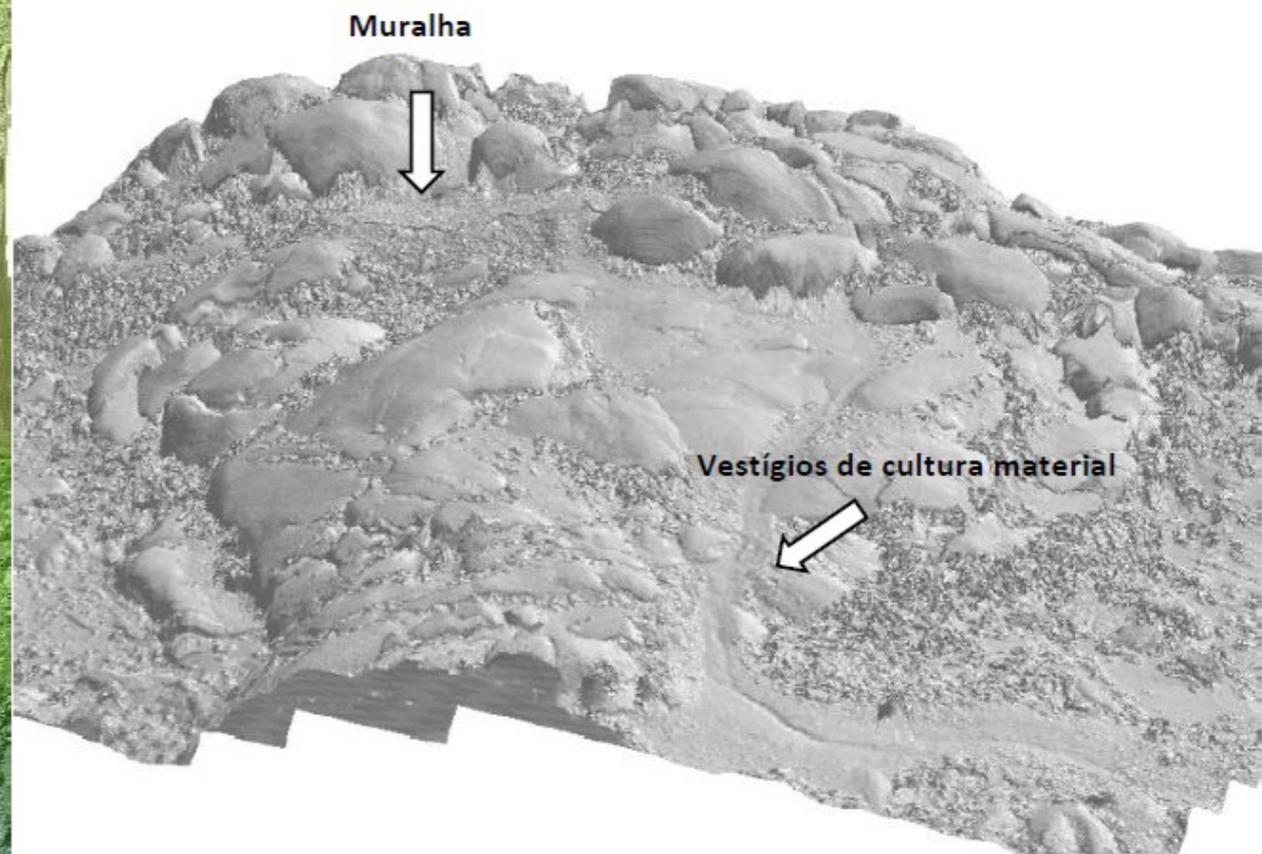


Fig. 6 – Castelo de Ariz (Moimenta da Beira). À esquerda Terrain Map View, à direita Hillshade em 3D, produzidos a partir de DEM obtida por levantamento com UAV. 3º milénio a.C. (Calcolítico).

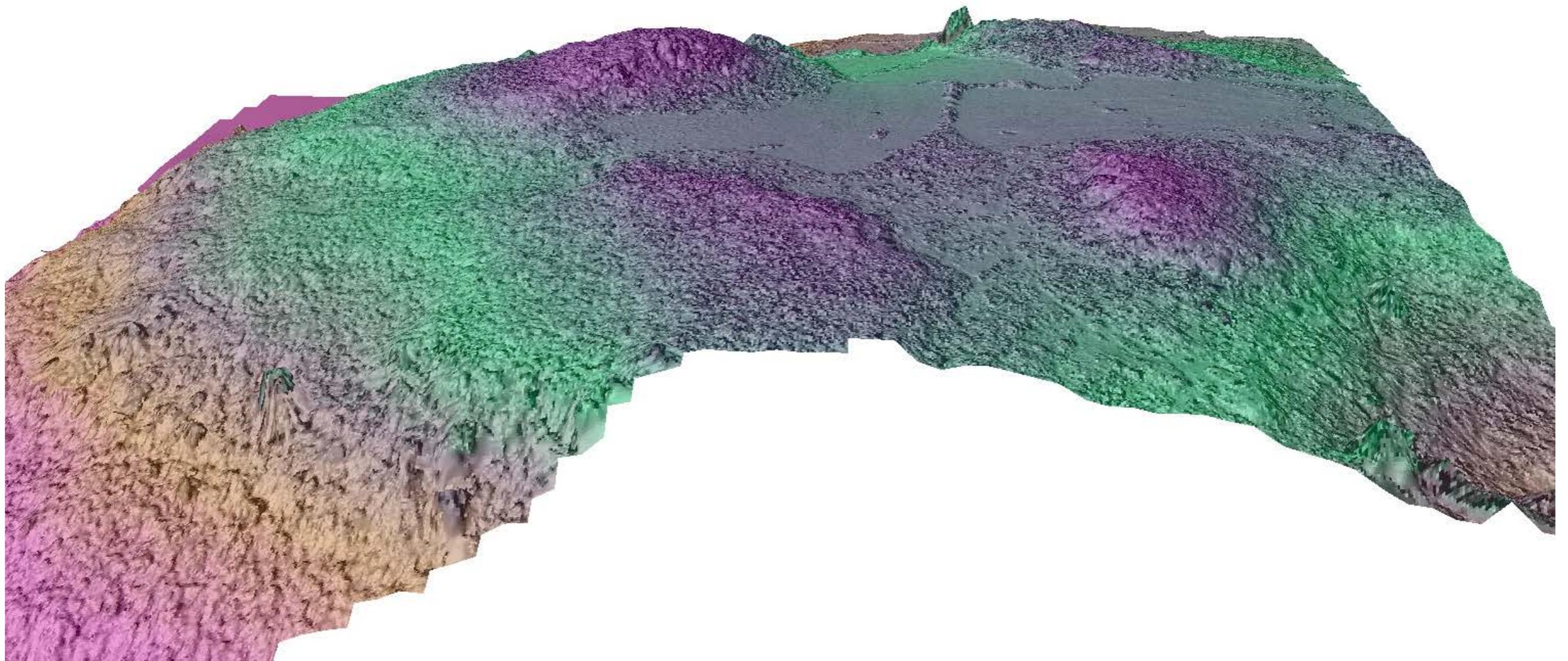


Fig. 7 – Chã de Murganho (São João da Pesqueira). Terrain Map View 3D (histograma de 5 cores). 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).

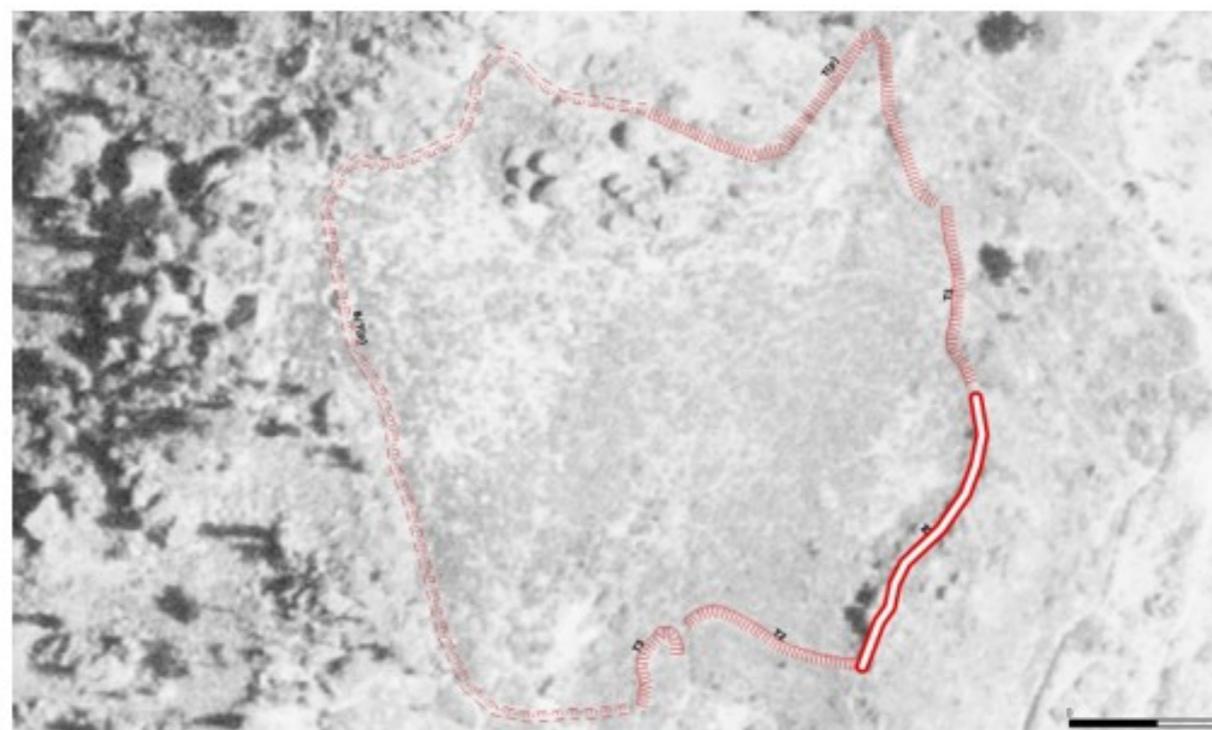
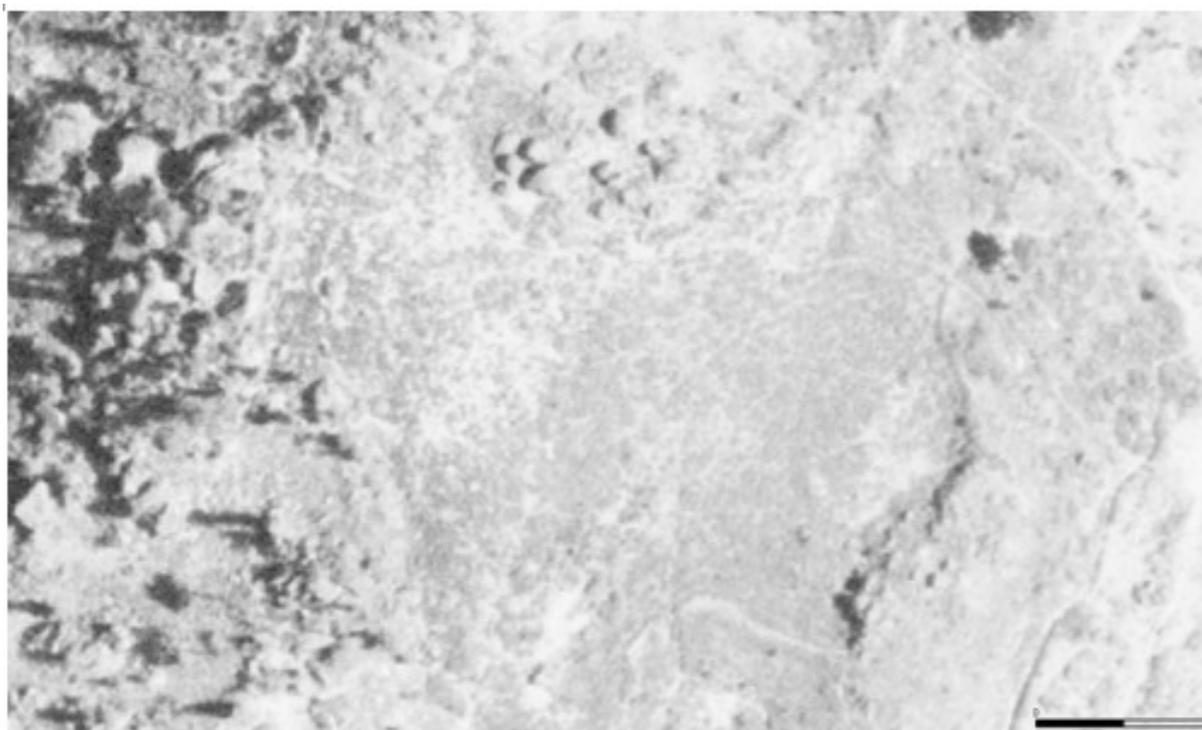


Fig. 8 – Povoado de Monte Airoso (Penedono). Esquerda fotografia aérea histórica (voo SPLAL) do ano de 1945, escala aproximada 1:16.000, disponibilizada pelo CIGeoE. À direita fotointerpretação das estruturas defensivas. 1º milénio a. C.

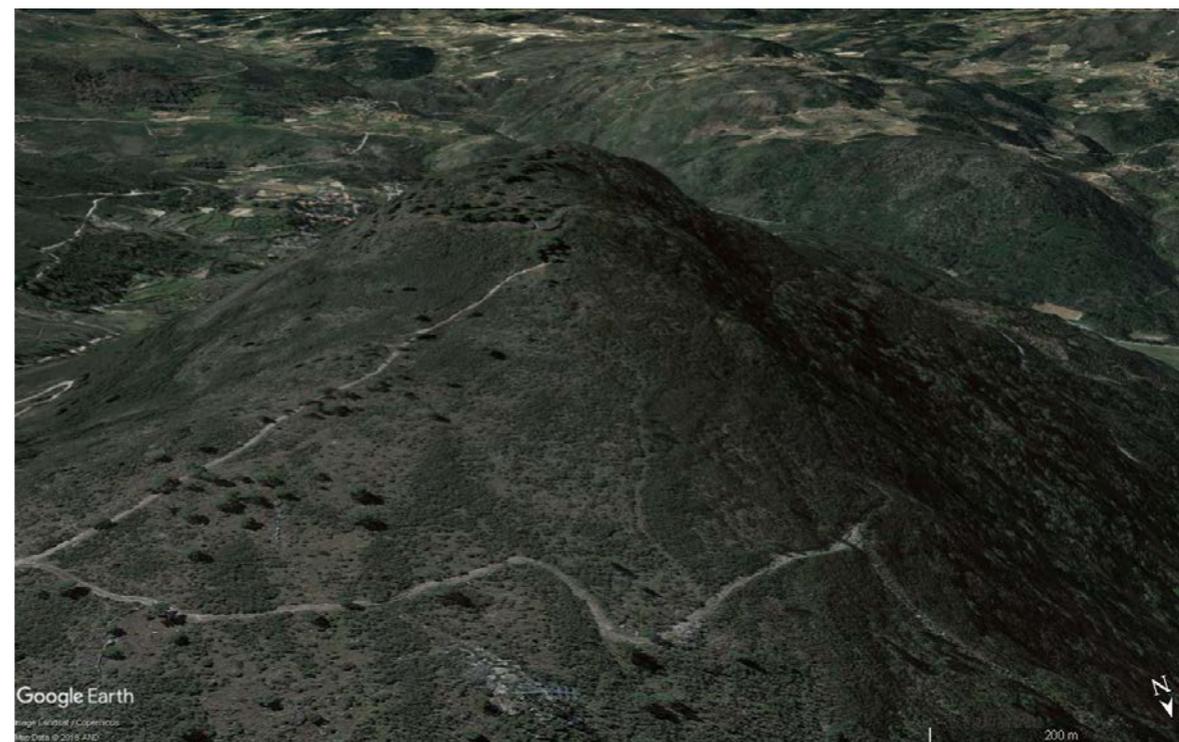


Fig. 9 (a; b) – Citânia da Longa (Tabuaço). Esquerda restituição fotogramétrica (fotografia aérea histórica (voo SPLAL) do ano de 1945, escala aproximada 1:1.600 e voo USAF 1958 escala aproximada 1:30.000 disponibilizada pelo CIGeoE) sobre GoogleEarth. À direita vista da mesma área a partir do GoogleEarth. 1º milénio a.C. (Idade do Bronze Final).

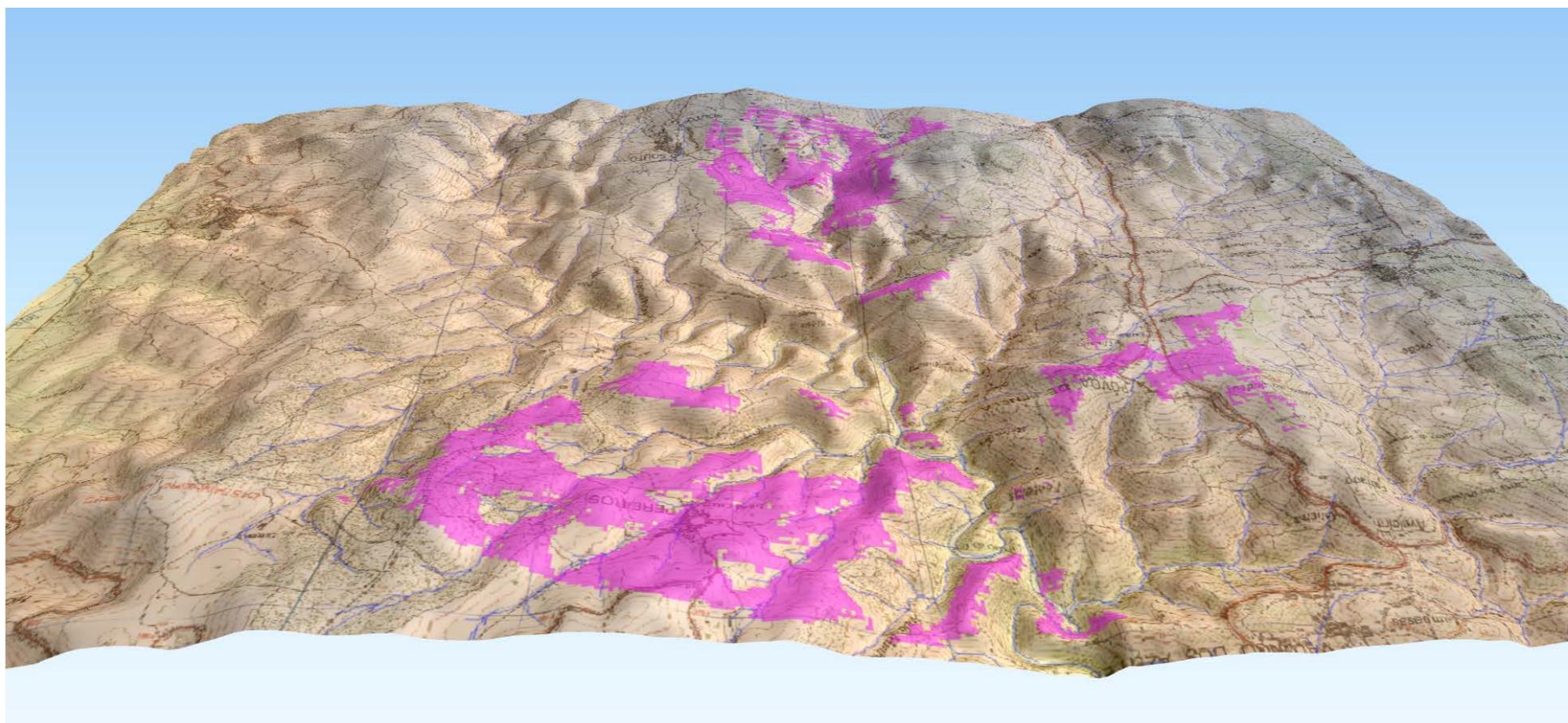


Fig. 10 – Bacia visual de 5km do povoado de Castelo Velho do Souto (Penedono). 3º milénio a.C. (Calcolítico).

Uma metodologia que se tem vindo a revelar de extremo interesse e utilidade, é o recurso a fotografias aéreas históricas sobretudo das décadas de 40 e 50 pois então quase todo o país era agricultado (apenas posteriormente se iniciaram as campanhas de florestação), pelo que, em muito casos as estruturas defensivas eram visíveis. Estas fotos são de grande interesse pois permitem complementar a observação feita em campo, possibilitando, por exemplo, a realização fotointerpretação (Figura 8), ou mesmo a realização de modelação tridimensional. Trata-se de uma ferramenta “low-cost” com um potencial significativo quando perante paisagens que acualmente apresentam um coberto vegetal que condiciona a observação de estruturas defensivas (Figura 9a e 9b).

Também o recurso a ferramentas SIG é fundamental para o projecto, seja através de metodologias cujo intuito é o de estabelecer relações entre território, paisagem e povoamento (Figura 10). Seja no estudo da mobilidade no território determinando momentos e locais críticos de movimento, recorrendo-se para tal à utilização da metodologia MADDO (Modelo de Acumulación de Desplazamiento Óptimo) que se baseia numa relação de Distância-Custo e que se traduz numa optimização de caminhos (Figuras 11 e 12). Com a aplicação deste método, expectavelmente será possível estabelecer relações de articulação entre zonas críticas de movimento, os povoados fortificados e o domínio visual do território, bem como compreender os processos de territorialização, abandono e re-territorialização.

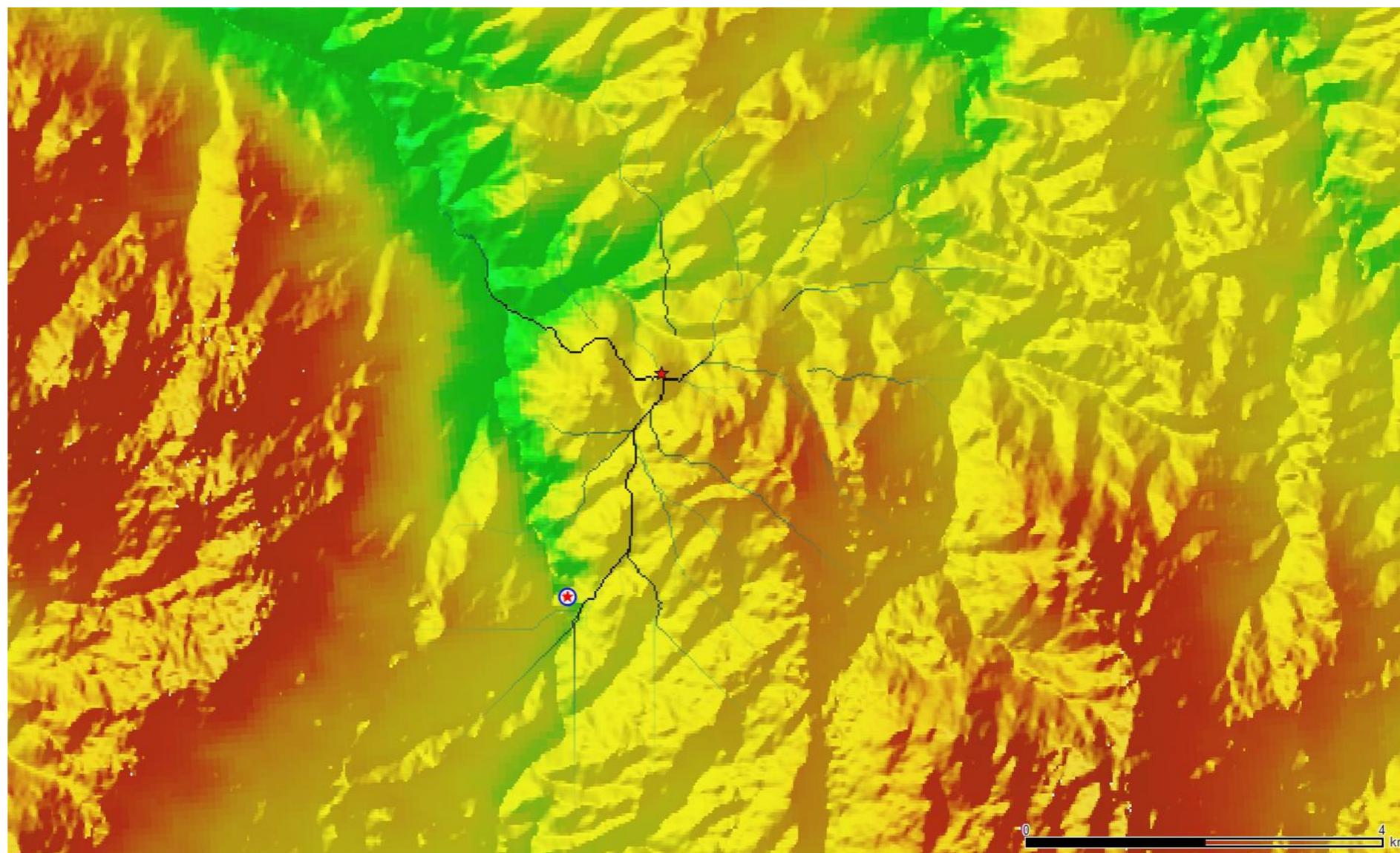
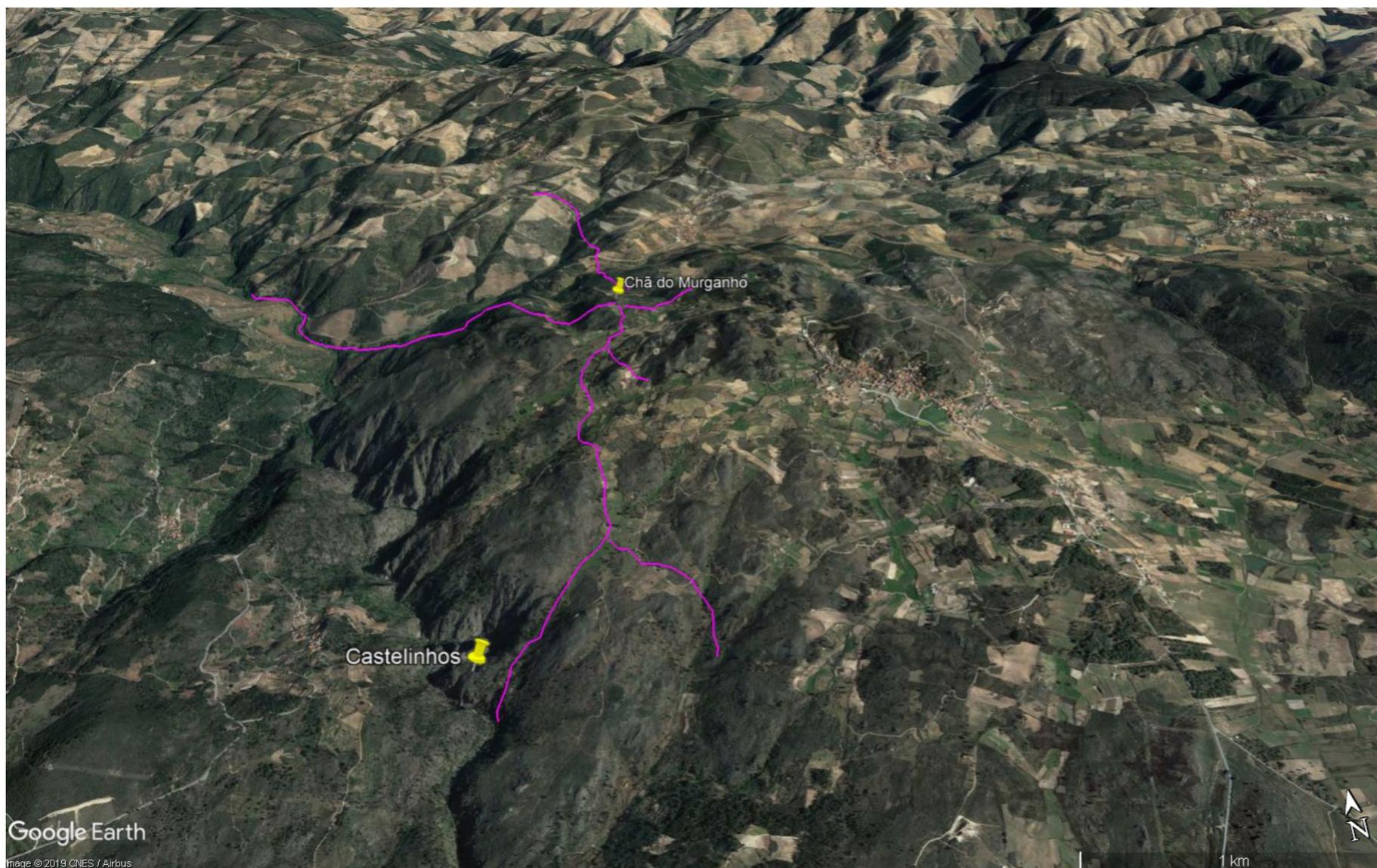


Fig. 11 – Análise de MADO a partir do povoado de Chã de Murganho (São João da Pesqueira) e a sua relação com o vizinho povoado de Castelinhos (São João da Pesqueira). 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).



No final do projecto, espera-se que este resulte numa caracterização dos sistemas defensivos e a definição de padrões de assentamento, ou pelo menos, tendências de ocupação do território da Beira-Douro, numa ampla diacronia entre o 3º e o final 1º milénio a.C.

Fig. 12 – Análise de MADON de Chã de Murganho (São João da Pesqueira) e a sua relação com o vizinho povoado de Castelinhos (São João da Pesqueira) sobre GoogleEarth. 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).



---

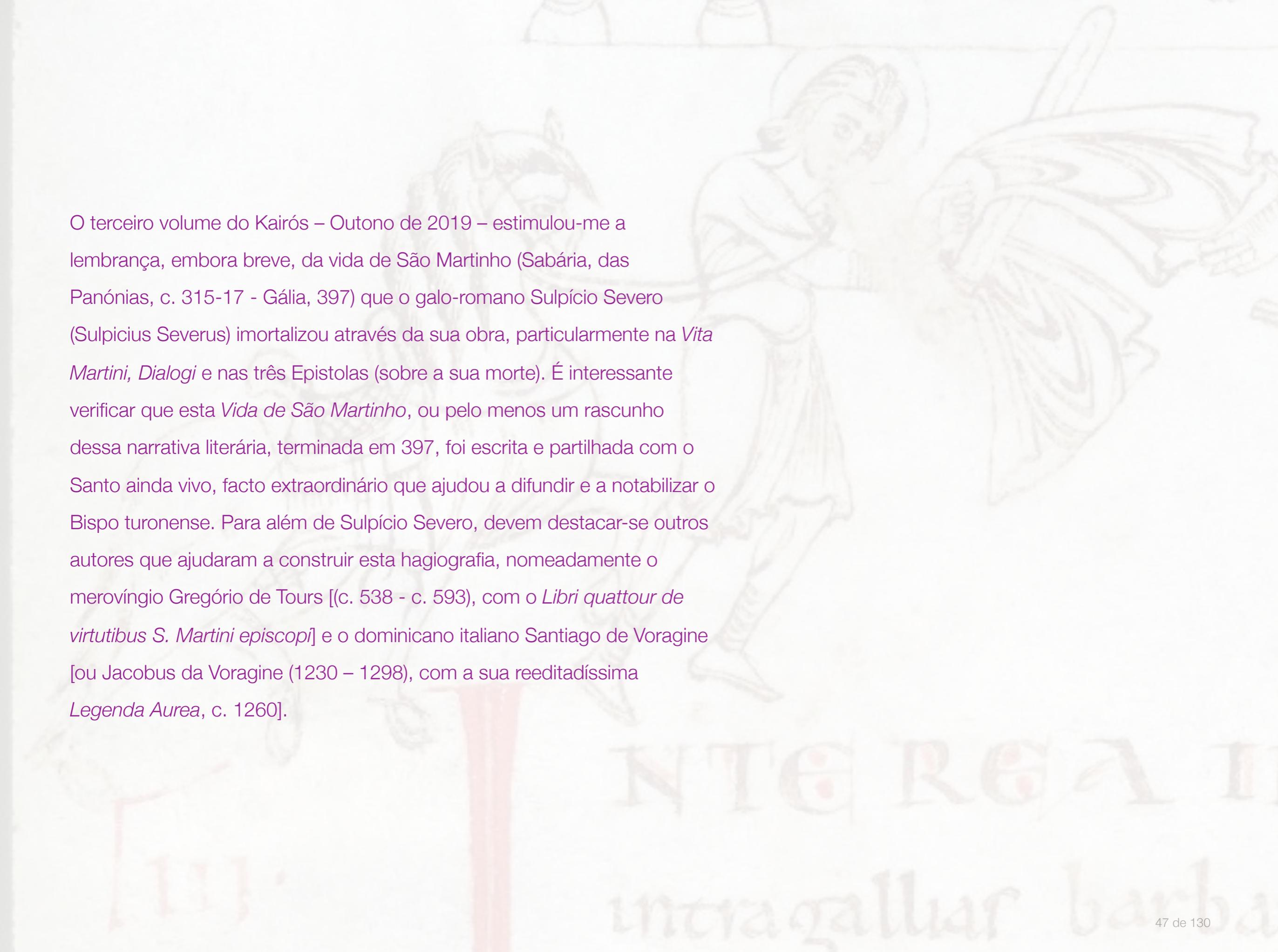
# territórios da arte

---

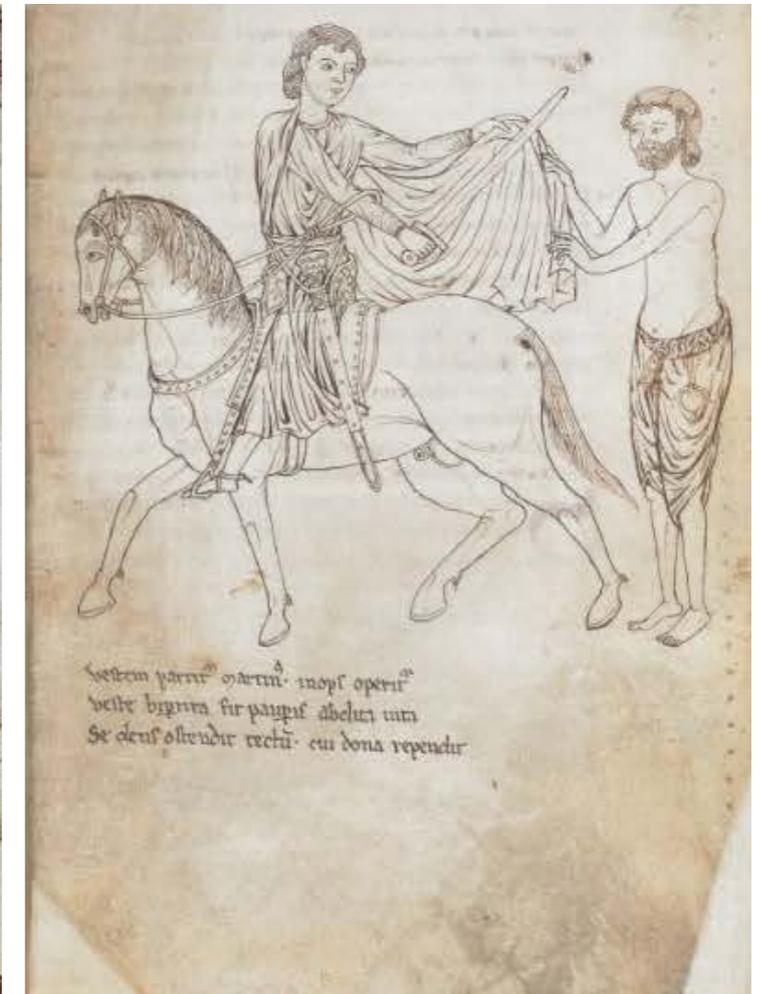


## **A caridade de *Sancti Martini* em Amiens**

Carla Alexandra Gonçalves | Universidade Aberta | CEAACP/  
FCT/UCoimbra



O terceiro volume do Kairós – Outono de 2019 – estimulou-me a lembrança, embora breve, da vida de São Martinho (Sabária, das Panónias, c. 315-17 - Gália, 397) que o galo-romano Sulpício Severo (Sulpicius Severus) imortalizou através da sua obra, particularmente na *Vita Martini*, *Dialogi* e nas três Epístolas (sobre a sua morte). É interessante verificar que esta *Vida de São Martinho*, ou pelo menos um rascunho dessa narrativa literária, terminada em 397, foi escrita e partilhada com o Santo ainda vivo, facto extraordinário que ajudou a difundir e a notabilizar o Bispo turonense. Para além de Sulpício Severo, devem destacar-se outros autores que ajudaram a construir esta hagiografia, nomeadamente o merovíngio Gregório de Tours [(c. 538 - c. 593), com o *Libri quattuor de virtutibus S. Martini episcopi*] e o dominicano italiano Santiago de Voragine [ou Jacobus da Voragine (1230 – 1298), com a sua reeditadíssima *Legenda Aurea*, c. 1260].



Da esquerda para a direita:

Fig. 1 - *Martinellus de Tours*, início do século XI, Tours, Bibliothèque Municipale, MS. 1018 (pormenor), fl. 003. Online em: <http://initiale.irht.cnrs.fr/codex/4480>.

Fig. 2 - *São Martinho dividindo a capa com o mendigo*, c. 1200: Add MS 15219, f. 12r, (digitalizado pela The Polonsky Foundation England and France Project). Online em: [http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add\\_MS\\_15219](http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_15219)



Da esquerda para a direita:

Fig. 3 - *São Martinho Misericordioso*, «Images de la vie du Christ et des Saints», c. 1250-1300. Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits. NAF 16251, fl. 89 r.

Fig. 4 - Maître de Fauvel Enlumineu, *Légendier* [c. 1320-27]. Bibliothèque Nationale de France. Département des Manuscrits, Français 183, fl. 172. Online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b90590274/f172>

Fig. 5 - Santiago de Voragine, *Legenda Aurea*, tradução francesa de Jean de Vignary, c. 1404. Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits, Français 414, fl. 366 r. Online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8451616p/f735.item>

É sabido que Martinho pertencera ao exército romano, cumprindo a tradição familiar que assim o impunha, mas desde cedo ambicionava a vida ascética, recebendo o baptismo depois da famosa passagem por Amiens. Anos volvidos, Martinho dá origem a uma comunidade mística em Ligugé (perto de Poitiers) e, mais tarde, já em 371, é elevado a Bispo de Tours, fundando, um ano depois, o mosteiro de Marmoutier que abre ao monaquismo ocidental.

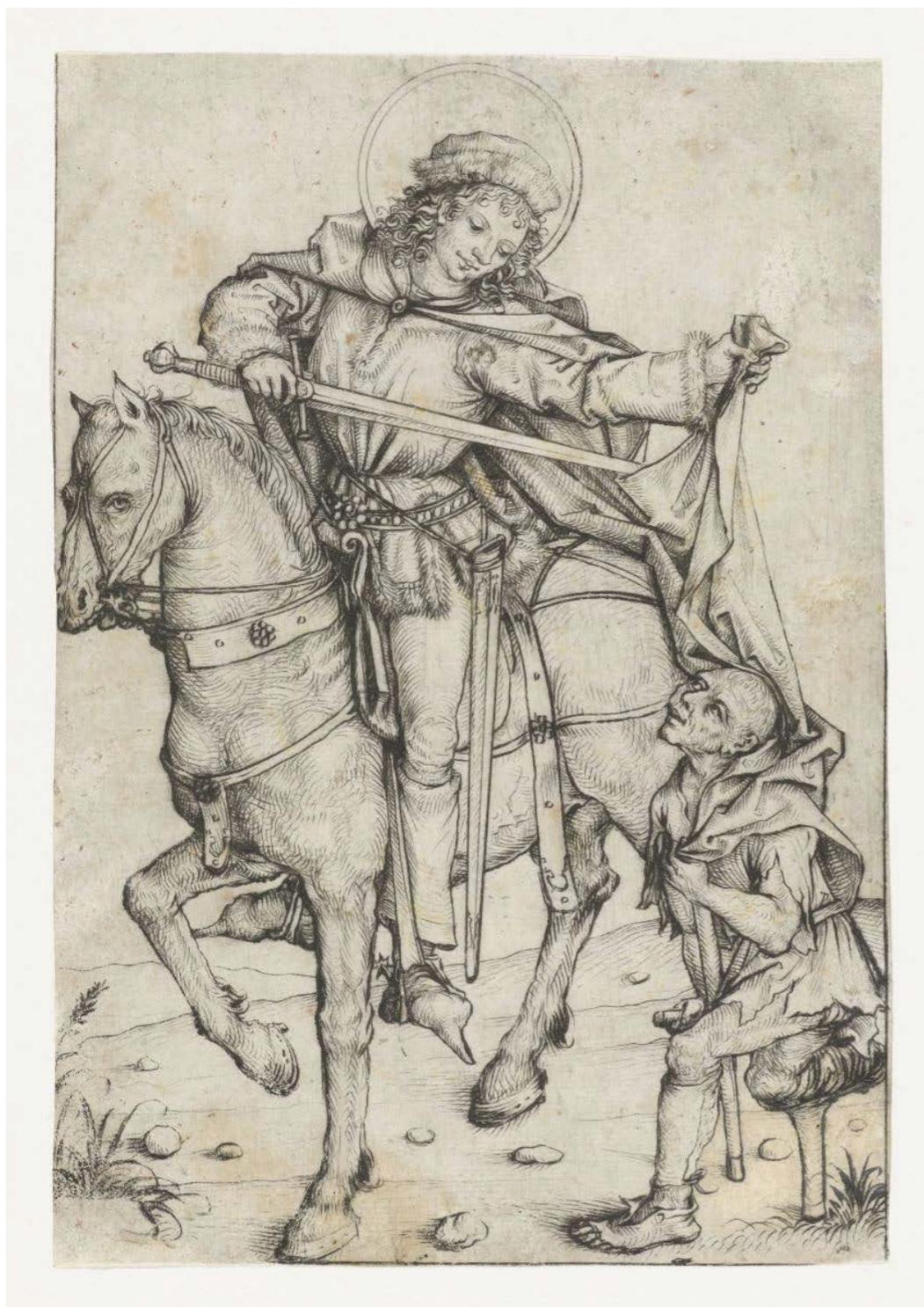
No decurso da sua longa vida, Martinho dedicou-se à oração e à evangelização, partilhando a meditação solitária (*fuga mundi*) com a acção. Aliás, a vida de São Martinho reflecte continuamente esta luta, ou o confronto entre a vida activa e a vida contemplativa – soldado e asceta, Bispo e monge – que o posiciona correctamente no lugar que cumpre aos sábios, conforme a Platão e a Aristóteles (a relação entre o *bíos theoretikós* e o *bíos politikós*), entre tantos outros que influenciariam o pensamento de então, como o seu contemporâneo Santo Agostinho de Hipona.

São atribuídos vários milagres ao Bispo de Tours, como curas e ressuscitações, que ilustram a sua prodigalidade, a sua relação directa com o Espírito, que lhe permite

ressurgir continuamente no sentido da verdadeira Vida, para além de o legitimar como um de entre os que detêm poderes restauradores, extramundanos e taumaturgos, como Elias, ou como o próprio Cristo, estimulando a devoção.

No final da sua vida terrena, Martinho defrontar-se-á com o diabo, ainda que este não seja o primeiro encontro, porque em todos os confrontos com os hereges, porque nas várias esquinas do seu percurso, nas curas e nos exorcismos, estiveram ambos presentes.

Interessa recuar ao episódio passado num Inverno extraordinariamente frio e mortífero, em Amiens (então Samarobriua). Passando junto a uma das portas da cidade, Martinho viu um mendigo a quem ninguém atendia. Por esses tempos, conforme às palavras de Sulpício Severo, Martinho não possuía quase nada, para além das armas e das vestes militares. Por não poder acudir de outra forma, o soldado rasgou a clâmide ao meio com a espada, doando metade ao pedinte e cobrindo-se com a outra. Os que assistiram à cena, ora se riram, ora se comoveram. Na noite seguinte, durante o sono, Martinho sonhou com Cristo, na figura do mendigo.



Da esquerda para a direita:

Fig. 6 - Meester van het Amsterdamse Kabinet, *St Martin*, c. 1475-80, 19 x 13 cm, Rijksmuseum, Amesterdão.

Fig. 7 - Anónimo, *São Martinho e o Mendigo*, c. 1490. Hungarian National Gallery, Budapest, Hungria. © Google Art Project

É este o passo da vida de São Martinho que fez fortuna na iconografia cristã: a *caridade de São Martinho em Amiens* (ou *São Martinho Misericordioso*). Grande parte das obras de arte que representam este momento fazem-no com Martinho a cavalo, voltado para trás, a cortar a capa que o mendigo recebe nas traseiras (ou ao lado) do animal, como se não tivesse acontecido um cruzamento entre os sujeitos, mas o recuo de São Martinho que alterou o seu trajecto para atender ao pedinte (figs. 1 a 7). Em menor número são as representações do Santo em pé, oferecendo a capa ao esmolo (figs. 8 a 10), bem como as que mostram Martinho a cavalo a cruzar-se frontalmente com o mendigo (figs. 11 a 13).



Fig. 8 - Martin Schongauer, *St Martin*, c. 1475-90, 15,4 x 10,4 cm, Rijksmuseum, Amesterdão.



Fig. 9 (esta página) - Master of Uttenheim, *São Martinho de Tours e São Nicolau de Bari*, c. 1475. Art Gallery of Soud Australia. © Google Art Project.

Fig. 10 (página seguinte, à esquerda) - *Missal*, France, Tours, c. 1500. M. 495, fl. 144 r. © The Morgan Library & Museum.

Fig. 11 (página seguinte, à direita, em cima) - *Caridade de São Martinho*, século XII. Portal sul da Catedral de Chartes, França.

Fig. 12 (página seguinte, à direita, em baixo) - *Retábulo de São Martinho* (pormenor), finais do século XV, Igreja paroquial de St. Martin, Geisenhausen, Alemanha.



In die sancti martini tu  
ronenū archiepi. Jutrois?



Catuit ei diis  
testamentum  
piceis et punci

pen fecit eum ut sit illi sa  
cerdru dignitas veteru



Reserve-se agora um espaço à representação da *Caridade de São Martinho em Amiens* que se guarda na Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas em Coimbra (figs. 13 a 16). Trata-se de um relevo calcário datável dos anos 40 do século XVI que tem vindo a ser atribuído a João de Ruão – e ainda que este texto não pretenda debater a autoria deste trabalho, cumpre dizer que não será seguro manter a atribuição por motivos estritamente formais.

A *Caridade de São Martinho* integra-se num retábulo e constitui-se como um caso que, por vários motivos, merece redobrada atenção. Desde logo porque esta obra clama por uma urgente e profunda intervenção de salvaguarda e de restauro, por estar quase a separar-se da parede de suporte, para além de ter já perdido parte da pedra do entablamento superior, entre outros problemas físicos e estruturais muito relevantes que a colocam em perigo. Depois, porque a iconografia deste retábulo é intrigante, uma vez que na segunda andaina da peça se representa O *Martírio de São João* (mergulhado em azeite fervente) ladeado por *São Jerónimo* e *Maria Madalena*. É difícil entender esta

combinação iconográfica que não é vulgar e que, na realidade, exprime duas narrativas que não dialogam. Ainda assim, tanto a matéria-prima, quanto o desenho, as dimensões dos dois registos (que podem ter sido emendadas), os fundos, a envergadura das personagens e, especialmente, a tinta (marcada nas várias camadas que necessita de reparo físico), acabam por unificar visualmente este conjunto que não foi realizado pelas mesmas mãos de artista.

Ultrapassando estes problemas, ligados com as autorias e com os vínculos iconográficos das andainas do retábulo, que, por sua vez, pode ser o resultado de uma recomposição que decorre da fusão de um trecho do antigo, desmantelado e desaparecido retábulo de São João Evangelista (encomenda da Abadessa Maria de Távora) e de outro ainda por identificar (proveniente de uma anterior capela de São Martinho do próprio Mosteiro?, ou proveniente da desaparecida ermida coimbrã de São Martinho em Eira de Patas?), olhe-se agora, e apenas, para o quadro inferior.



Fig. 13 - Retábulo de São João Evangelista e São Martinho, c. 1540, Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas, Coimbra. © Carla Alexandra Gonçalves



Fig. 14 - *A Caridade de Martinho em Amiens*, Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas, Coimbra. © Carla Alexandra Gonçalves.

Fig. 15 (página seguinte) - Pormenor. © Carla Alexandra Gonçalves.





Fig. 16 - Pormenor.  
© Carla Alexandra Gonçalves

O relevo da *Caridade de São Martinho em Amiens* representa o Santo a cavalo, virado para o mendigo, a cortar a clâmide que o pedinte agarra para com ela se agasalhar. Ao fundo e à direita apresenta-se uma fachada de um edifício de três andares ladeada por uma torre circular e, à esquerda, sobre a paisagem rochosa, pode ver-se, num relevo muito ténue, o sonho de São Martinho (fig. 16). Trata-se, por vários motivos, de um desenho curioso e relativamente invulgar para Portugal, na medida do cruzamento das personagens (que se afrontam) e porque o quadro encerra os dois momentos relacionais: a divisão da veste e o sonho com Jesus Cristo envergando a clâmide. Estes dois passos ali representados comunicam uma

certa *mutilação* – pois a clâmide possui um elevado valor simbólico em contextos militares – que anuncia a *ruptura* de Martinho quando efectivamente sai do exército, para dedicar-se à vida ascética. Dividindo a clâmide, Martinho ainda não se entregara por inteiro à vida espiritual, fenómeno que ocorreria mais tarde, depois do baptismo e quando completamente abnegado e em Cristo. Este corte, acompanhado do sonho, simbolizará uma etapa de transformação, porque Martinho abandonará a milícia terrestre, para entrar na milícia de Cristo. E é em Amiens que o fenómeno modificador – traduzido no corpo abandonado ao frio através da acção da partilha, e no espírito devoto ao Outro que também é Deus – se manifesta.

A aparição de Cristo a São Martinho conforma uma revelação privada e pública. O carácter da primeira revelação assoma através da presença de Cristo. Já a revelação pública denota-se através da exposição de que o sentido real da espiritualidade (bem como o da fortuna do mundo celestial) reside na acção dos homens de boa vontade, como São Martinho. São as obras terrenas, e não as palavras que possamos proferir, que enraízam os sentidos do divino.

## **Vestindo a quem precisa, a Mim me vestes.**

É com este sabor humanista, solidário e fraterno, é com este olhar de frente para o próximo e através de pequenos (que são grandes) gestos benignos, que deveria fazer-se a humanidade, ou o conjunto de todos os homens que constroem, através das suas acções, mais do que por meio de palavras vãs, o mundo onde (todos) vamos habitando. Aqui, Martinho não recua depois de cruzar-se com quem dele necessitava, avançando com a partilha antes mesmo de pensar nela. É um gesto impulsivo, uma resposta imediata e pura, ou uma acção dirigida pelo corpo íntimo, que Martinho demonstra no relevo de Santa Maria de Celas e que se afasta, ligeiramente, do hagiolégio de Sulpício, que relata a hesitação do jovem soldado, naquela noite fria da ronda em Amiens.

**Vestindo a quem precisa, a Mim me vestes.**



## Projecto À MARGEM

Joana Antunes | CEAACP/FCT/UCoimbra

Trabalhar a margem, a fronteira, o limite e o interstício, é hoje, para diversas disciplinas pertencentes ao domínio das Artes e Humanidades, uma oportunidade natural para explorar novos territórios temáticos e teóricos, quando não mesmo pragmáticos e experimentais, confrontando os seus próprios limites metodológicos com o desafio das (in)definições ontológicas e das tensões epistemológicas que decorrem de um novo olhar sobre uma das dimensões humanas que menos se conformam à mensuração, categorização, classificação e verificação laboratorial: a cultura. Dentro desta, o artístico assume e reclama uma dimensão particularmente caleidoscópica e, portanto, problemática no que toca à definição clara de fronteiras, quer sob as suas formas mais consensualmente reconhecidas, vinculadas ao universo das artes visuais e das artes do espectáculo, com naturais infiltrações da e na literatura, estética, arquitectura, design, entre tantas outras, quer ainda nos seus cruzamentos com a cultura material, de que particularmente se ocupam a arqueologia e a antropologia. Negociando situações de conflito como a exclusão e a inclusão, a normalização e a transgressão, a premeditação e a espontaneidade, o mainstream e a contracultura, as margens assumem-se como bem mais do que agentes binários da conceptualização da arte e da cultura, afirmando-se antes como limiares funcionais, articuladores de universos disciplinares em diálogo e em expansão.

Consciente da urgência deste diálogo e da importância operativa da margem enquanto tema de trabalho e de reflexão, o Grupo de Estudos Multidisciplinares em Arte (GEMA) do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, inaugurou, em 2017, uma linha de investigação À MARGEM que teve a sua primeira expressão no **Colóquio Internacional O Centro como Margem | The Centre as Margin**, realizado na Universidade de Coimbra entre 25 e 26 de Maio. Apresentando-se como uma oportunidade para discutir a margem a partir do do centro, este colóquio abriu-se à participação de investigadores (assumindo naturalmente a componente investigativa da pragmática artística) de qualquer área relacionada, estreita ou tangencialmente, com o fenómeno artístico, em toda a espessura histórica. O resultado foi o contributo de cerca de 40 especialistas de países como Portugal, Espanha, Brasil, Itália, França, Suíça, Alemanha, Croácia, Estados Unidos e Canadá. Da literatura à música e à filosofia, da instalação à performance, passando pela teoria da arquitectura, a história da arte, o teatro, o design de moda e fotografia, vários foram os domínios científicos e de criação artística a partir dos quais se articulou a discussão do centro como margem e desta a partir do centro.



**THE CENTRE AS MARGIN**  
**O CENTRO  
COMO MARGEM**  
| Colóquio Internacional À MARGEM | | International Conference ON THE MARGIN

**25-26 Maio 2017**  
25-26 May 2017

FACULDADE DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ORGANIZAÇÃO:  
ORGANIZATION:

**CEAACP-GEMA**  
**IHA-FLUC**

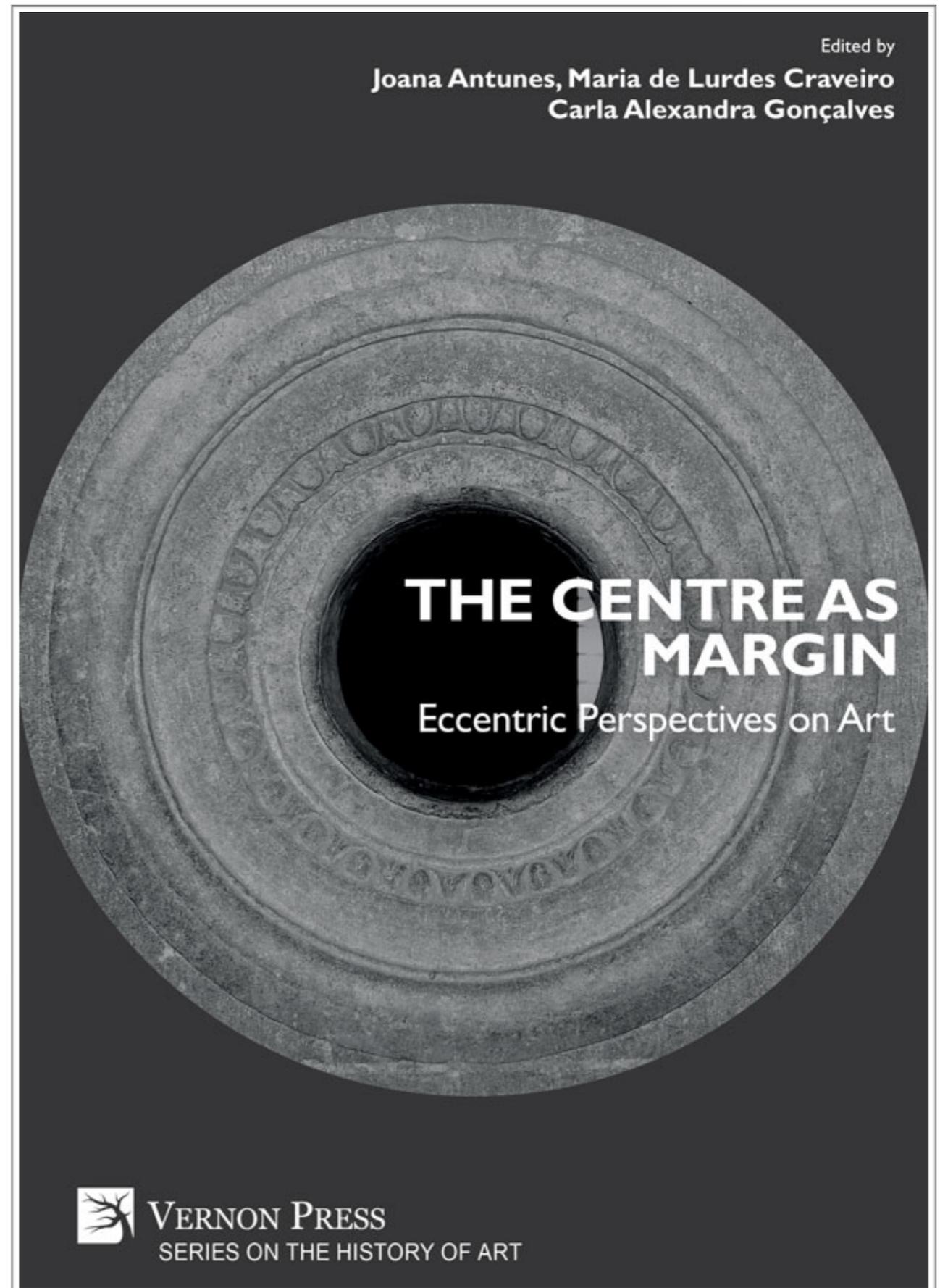
+ <http://coloquiosamargem.weebly.com/>

O primeiro dos Colóquios Internacionais À MARGEM apresenta-se como uma oportunidade para discutir a margem a partir do centro, na detecção de mecanismos de marginalidade, excentricidade, liminaridade e superfluidade num centro que pode constituir-se a partir do objecto de estudo ou das próprias metodologias de investigação.

**Porque a margem estende-se por onde quer que encontre espaço.**



Decorrente do sentido de oportunidade desta plataforma de contacto, que demonstrou não só a utilidade de uma abordagem transdisciplinar e pluriépocal ao tema da margem, como a coincidência de diversos estudos e linhas de investigação recentes e inovadores, saiu a público, no início de 2019, o volume [The Centre as Margin. Eccentric Perspectives on Art](#), editado por três investigadoras do CEAACP/GEMA - Joana Antunes, Maria de Lurdes Craveiro e Carla Alexandra Gonçalves -, e publicado pela Vernon Press. Dividido em três partes (I. The Margin at the Centre, or the Centre as Margin; II. Case Studies on Liminality; III. A Place for the Margin), este livro assume-se como um contributo funcionalmente heterogéneo, multidireccional e interartístico para a problematização conjunta de temas e preocupações que são comuns a todas as áreas do saber que lidam, de forma mais ou menos marginal, com o fenómeno artístico.



Constituindo-se como investimento de longo prazo, o projecto À MARGEM tem como objectivos práticos declinar-se noutras reuniões científicas, potenciando a reflexão em torno de temas, questões e objectos que partam da margem enquanto articulador teórico, conceptual e metodológico e alimentando, a partir dela, a produção de conteúdos de natureza vária, colocados não só à disposição da comunidade científica como também, e progressivamente, de públicos especializados e generalizados.

Neste sentido, prepara-se já o II dos Colóquios À MARGEM, que irá propôr uma nova discussão e partilha de investigações, desta feita, **À Margem do Tempo**. Perspectiva-se, assim, a dedicação deste colóquio internacional à reflexão e discussão das temporalidades da arte e especialmente do anacronismo enquanto potencial ferramenta operativa da História da Arte e dos Estudos Visuais, mas também de todas as outras áreas do saber que, quer a partir da arte ou da imagem, quer da cultura material e do património, presentemente (se) debatam (com) os limites do tempo. [...a tempo, será divulgada mais informação sobre este evento na página do **CEAACP**]



# CALL FOR PAPERS

**À Margem do Tempo**



## Alguns temas bíblicos nos azulejos holandeses na Casa do Paço\*

Inês Pinto | Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz | CEAACP/FCT/UCoimbra

Junto à foz do rio Mondego, na cidade da Figueira da Foz, existe um edifício que desperta a atenção – a Casa do Paço – pela sua dimensão e características arquitetónicas. Construído entre os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII, a sua edificação dever-se-á a D. João de Melo (Évora, 1624 – Coimbra, 1704), Bispo de Elvas (1671-1673), de Viseu (1673-1684) e Bispo-conde de Coimbra até à sua morte (1684-1704). Filho de D. Jorge de Melo, e de D. Maria Madalena de Távora, nos finais de 1600 e inícios de 1700 foi deixando ao seu sobrinho, D. José de Melo e Mendonça, arcebispo de Seia, diversos bens na zona da Figueira da Foz, incluindo, certamente a Casa do Paço.\*\* Estes bens viriam a constituir o morgadio da Figueira, instituído após a morte de D. José de Melo e Mendonça, em 1735, a favor de D. Pedro José de Melo Homem. O morgadio passa então de geração em geração até 1861, ano em que o 3º Conde de Murça celebra uma escritura de sub-rogação com Frutuoso José da Silva, um importante negociante de Coimbra, sendo definitivamente desvinculado dos bens da família Melo.



D. João de Melo (Arquivo da Universidade de Coimbra).

\* Para saber mais sobre o tema deste artigo veja-se, de Pinto, Inês Maria Jordão: *Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural: FLUC, Universidade de Coimbra, 2013; “Hollandse tegels in het Casa do Paço, Figueira da Foz, Portugal”, in *Tegel*, nº 42, Amsterdão: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 2014, pp. 21-29; *Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz*, Figueira da Foz: Município da Figueira da Foz, 2017 (1ª ed. 2014); “Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz, Portugal”, in *Azulejaria na Região Centro*, Caderno Municipal 52, Figueira da Foz: Município da Figueira da Foz, 2018, pp. 95-113.

\*\* Não se conhece nenhum documento que comprove esta doação ou determinação testamentária, mas na sentença cível relativa à sub-rogação do morgadio da Figueira da Foz, de 1861, entre D. João José Maria de Melo, 3º Conde de Murça e Frutuoso José da Silva, surge uma referência clara e direta à instituição do morgadio da Figueira por **vinculo instituido por Dom Jose de Mello e Mendonça de que elle Excellentissimo Conde de Murça he actual Administrador (...) constituído em humas casas com seus Armazães na Villa da Figueira, dôze marinhas no sitio de Lavos, hum Prazo denominado as Insullas, (...) bens vinculados, por Dom Jose de Mello e Mendonça, no Testamento junto sob número primeiro, approved em dois de Fevereiro de mil sete centos e trinta e cinco, e aberto n’esta Cidade aos dez do mesmo mez e anno. Esses bens foram primitivamente vinculados em dominio plêno**”. Arquivo particular do Conde de São Lourenço, Lisboa, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 8 – Sub-rogação de foro direto – prazo feitozim perpétuo (1861).



Fachada sul da Casa do Paço – vista da Avenida Foz do Mondego, © Inês Pinto.



Vista parcial da fachada norte da Casa do Paço – vista do Largo Prof. António Victor Guerra, © Inês Pinto.

Poucos anos após a morte de Frutuoso José da Silva, a Casa do Paço foi vendida a Manuel dos Santos Júnior, que viria a receber o título de 1º Barão do Paço da Figueira em 1881. Atualmente o piso nobre é propriedade da Câmara Municipal da Figueira da Foz, desde 2005.

Pelo menos desde os meados do século XIX, este edifício foi o centro da vida social e associativa desta cidade, tendo sido sede, por exemplo, de um Teatro (ca. 1823-1860), da Assembleia Figueirense (1857-1879), do Ginásio Clube Figueirense (1922-1930), da Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz (piso nobre 1857-2005, ocupando desde então as alas nascente e poente, entre outros.

Aquando a inauguração da Linha da Beira Alta em 1882, a recepção à comitiva real decorreu na Casa do Paço, tendo este edifício sido a primeira sede do Museu Municipal, criado em 1894 por António dos Santos Rocha, onde esteve até ser transferido para o edifício da Câmara Municipal, em 1899.

A Casa do Paço é um edifício de planta longitudinal, em “U”, sendo a fachada do lado sul rematada com um torreão, embora o projeto inicial contemplasse dois torreões simétricos. Classificada como Imóvel de Interesse Público em 1967, o acesso ao seu interior situa-se do lado norte, no Largo Prof. António Victor Guerra, nº 4.

O interior, alvo de diversas transformações, possui grandes divisões, algumas das quais cobertas por elevadas abóbadas. De acordo com J. M. dos Santos Simões, no interior da Casa do Paço encontra-se **“o mais vasto e variado repositório de estranhos azulejos em Portugal e o mais extraordinário, no seu género, em todo o Mundo...”**<sup>\*</sup>, pelo que este imóvel assume especial relevância pelo invulgar conjunto de **azulejos holandeses** de figura avulsa que revestem atualmente quatro salas do piso nobre, de estilo *delft*, num total de cerca de 6.700 peças, em tons de azul e manganês, executadas na primeira década do séc. XVIII, na olaria Delftsevaart (1635-1773), em Roterdão, à qual o pintor Cornelis Boumeester esteve ligado entre 1676 e 1732<sup>\*</sup>.

Subdivididos em três temas – paisagens holandesas, cenas bíblicas e cavaleiros – a chegada destes azulejos à Figueira da Foz poderá ter resultado da carga de uma fragata holandesa, que arribou em 1706 na foz do rio Mondego.

## Temas Bíblicos

Desde sempre a Igreja sentiu necessidade de transmitir a sua mensagem recorrendo a vários meios para o efeito. Fosse através da oralidade ou de suportes mais duradouros, como o caso da pintura ou da descrita, os ensinamentos tinham por objetivo a pedagogia e o ensinamento. Após a invenção da imprensa e de métodos de difusão de imagens, como o caso das gravuras, os pintores e os ceramistas tinham à sua disposição desenhos que poderiam reproduzir num dos tipos de peça que mais se adequava – o azulejo.

---

<sup>\*</sup> SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Santos Rocha, 1947, p. XII

<sup>\*\*</sup> PLUIS, Jan De, *Nederlandse Tegel, decors en benamingen 1570-1930, The Dutch Tile - Designs and Names 1570-1930*, Leiden: Nederlands Tegelmuseum, 1997.

Nos azulejos de temas bíblicos, pintados com óxido de manganês, as cenas estão representadas dentro de um duplo filete circular, sendo os cantos decorados com *ossenkop* (cabeça de boi)\*, encontrando-se a quase totalidade destes azulejos aplicados na **Sala dos Bíblicos**, no piso nobre da Casa do Paço. Aplicados a meia altura, a cercadura é realizada por azulejos de paisagens, em azul-cobalto, criando um contraste com o manganês do centro, tendo sido identificadas 61 cenas bíblicas diferentes na Casa do Paço – 25 do Antigo Testamento e 36 do Novo Testamento. Também o Palácio Melo e Abreu\*\*, em Santo António dos Capuchos, Lisboa, teve azulejos de figura avulsa semelhantes aos que se encontram na Figueira da Foz\*\*\*, atualmente no Museu Nacional do Azulejo.

\* Ossenkop, termo holandês para cabeça-de-boi é o canto mais comum nos azulejos holandeses. O tipo de ossenkop representado nos azulejos da Casa do Paço foi utilizado no período 1670-1700. PLUIS, Jan, 1997, pp. 535, 552.

\*\* Adquirido por D. João de Melo e Abreu em 13-02-1716 a José de Melo da Silva. Casado com D. Isabel Bernarda Soares de Vasconcelos, D. João de Melo e Abreu era sobrinho de D. José de Melo e Mendonça. ANTT, *Morgados e Capelas, Núcleo Antigo 217, Escritura de sub-rogação de um palácio pertencente aos condes de Murça, situado na Rua de Santo António dos Capuchos, por inscrições da Junta do Crédito Público.*

\*\*\* SIMÕES, J. M dos Santos, 1947, p. 19.



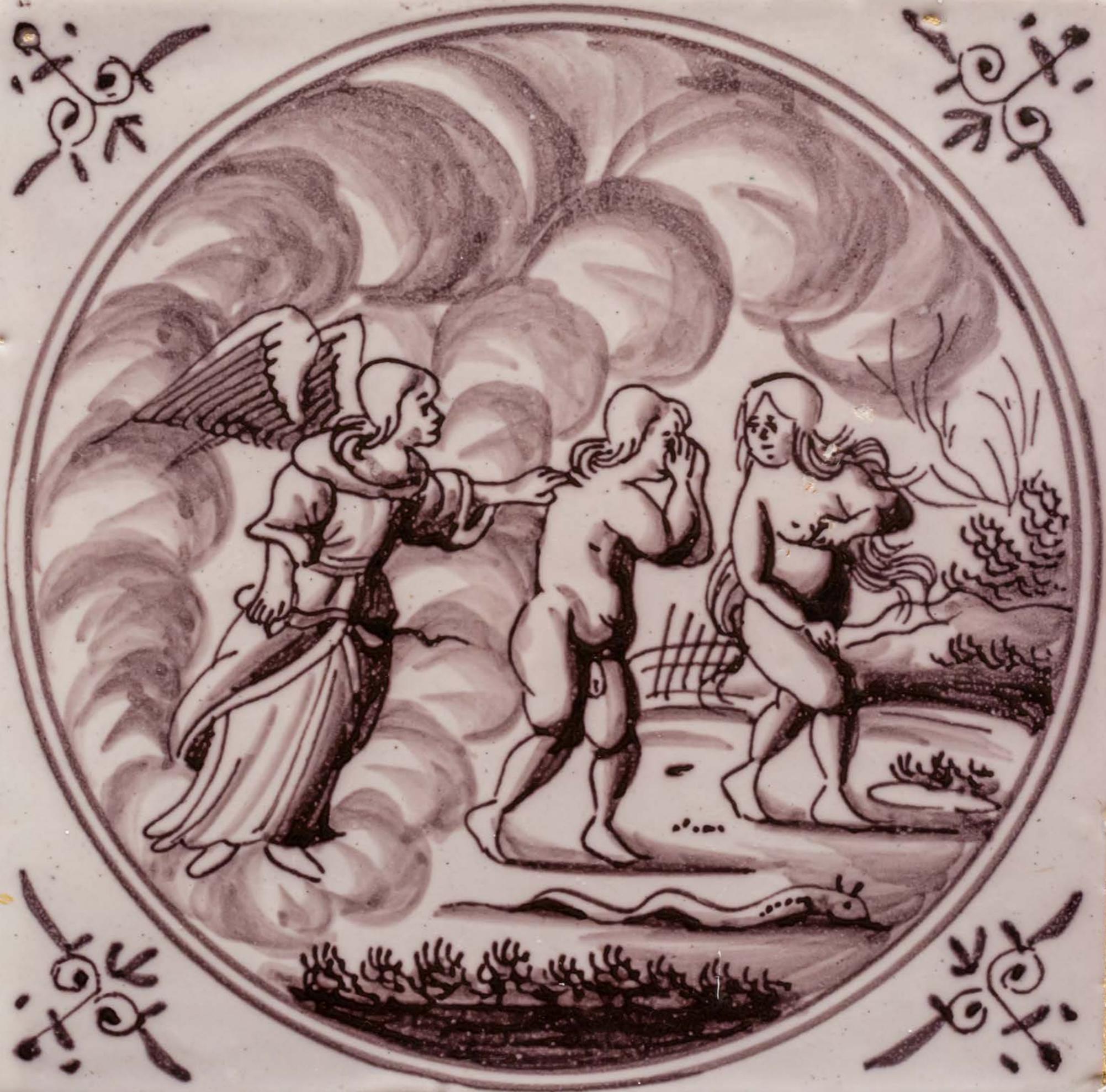


Para algumas das cenas representadas foi possível identificar as gravuras que poderão ter sido utilizadas para a sua produção, a partir da obra “TONEEL ofte Vertooch der BYBELSCHE HISTORIEN, Cierlyck in't koper gemaect door PIETER H. SCHUT, ende in druck uytgegeven door NICOLAES VISSCHER TOT AMSTERDAM, Anno 1659”, das quais apresentamos seis exemplos.



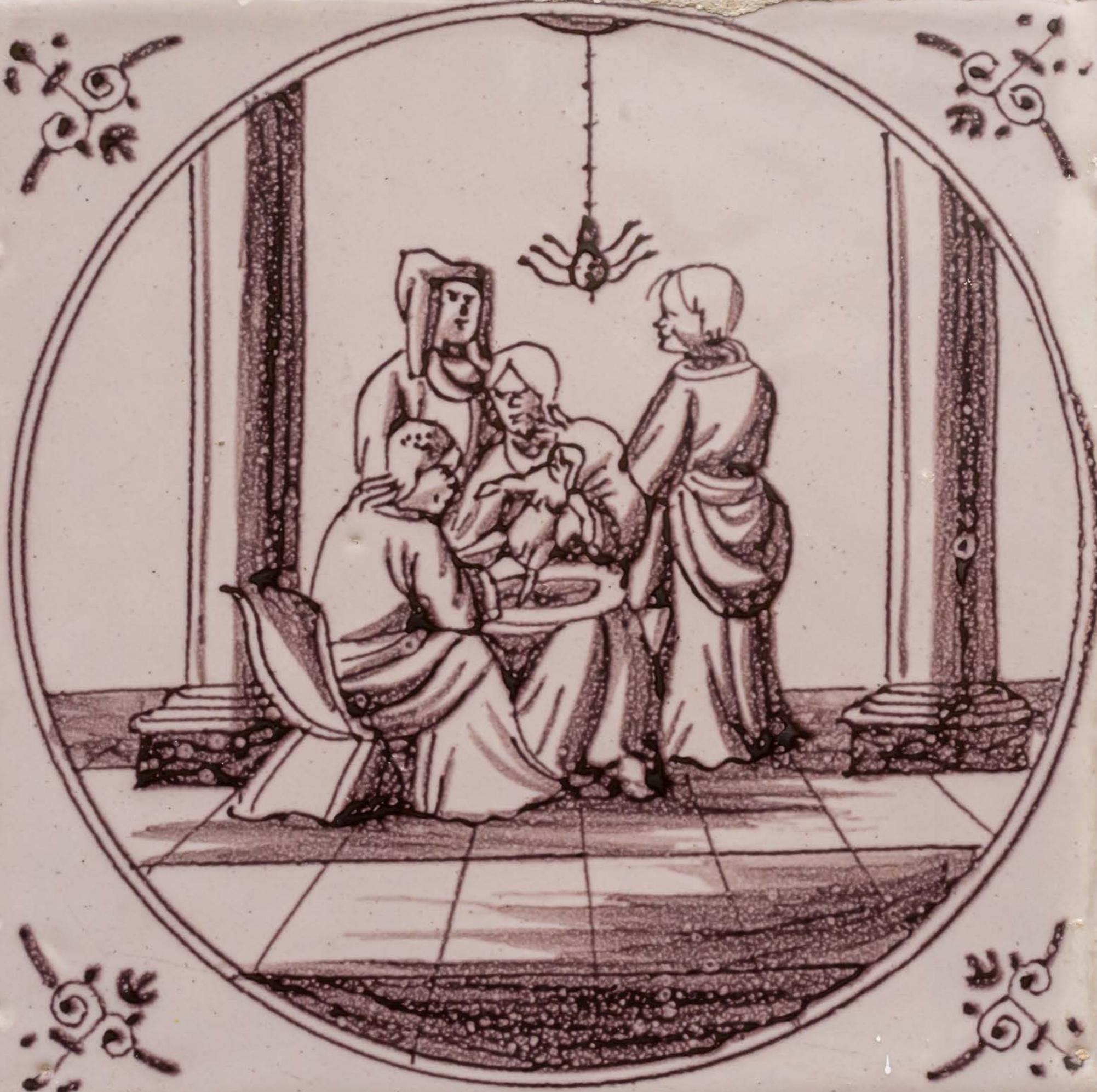
TONEEL  
ofte Vertooch der  
BYBELSCHE HISTORIEN,  
Cierlyck in't koper gemaect door  
PIETER H. SCHUT,  
ende in druck uytgegeven door  
NICOLAES VISSCHER,  
TOT AMSTELDAM  
Anno 1659.

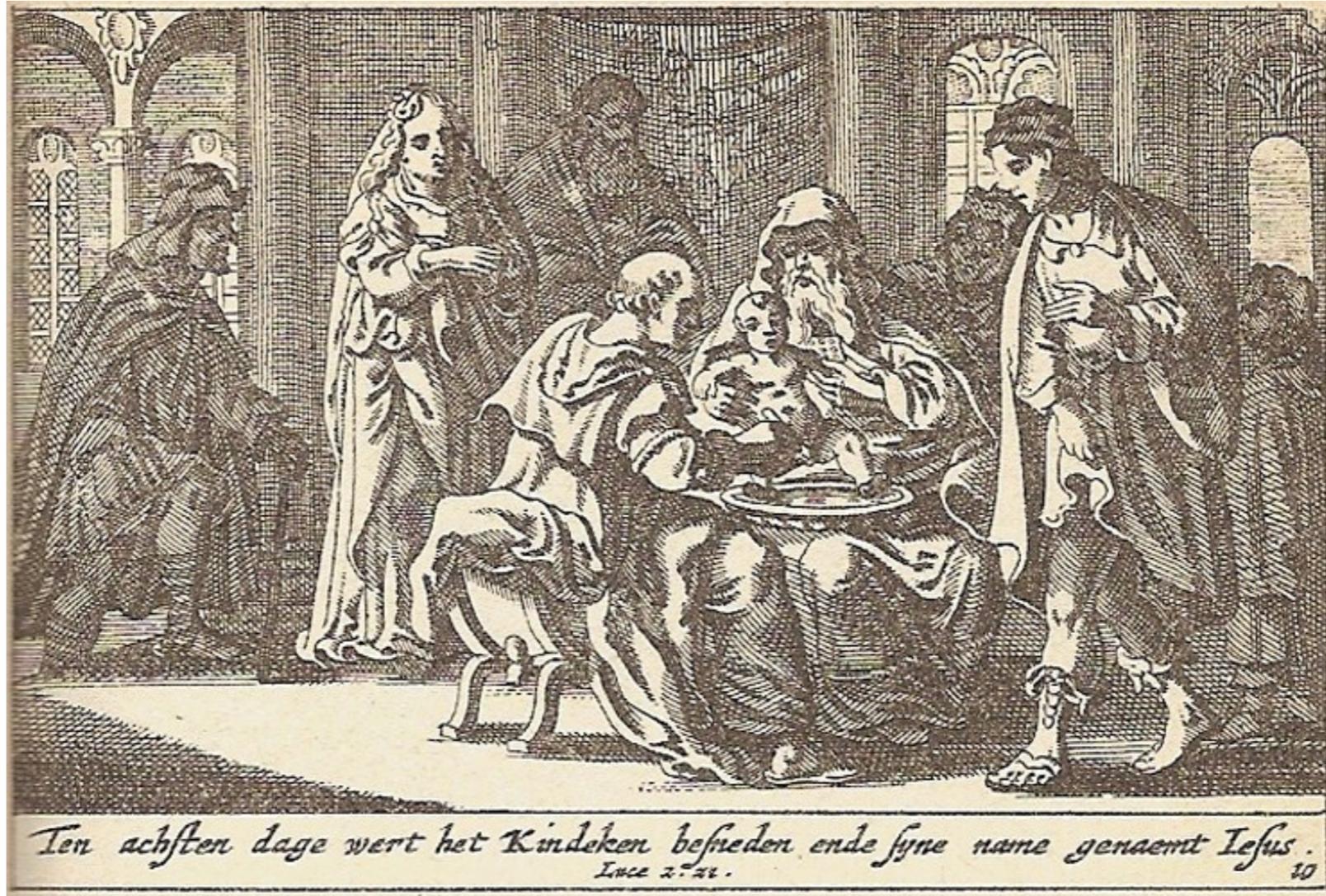






Gn 3:23-24, Expulsão do Jardim do Éden.





Lc 2:21, A circuncisão de Jesus.





Jo 3:2, O encontro de Jesus com Nicodemos.





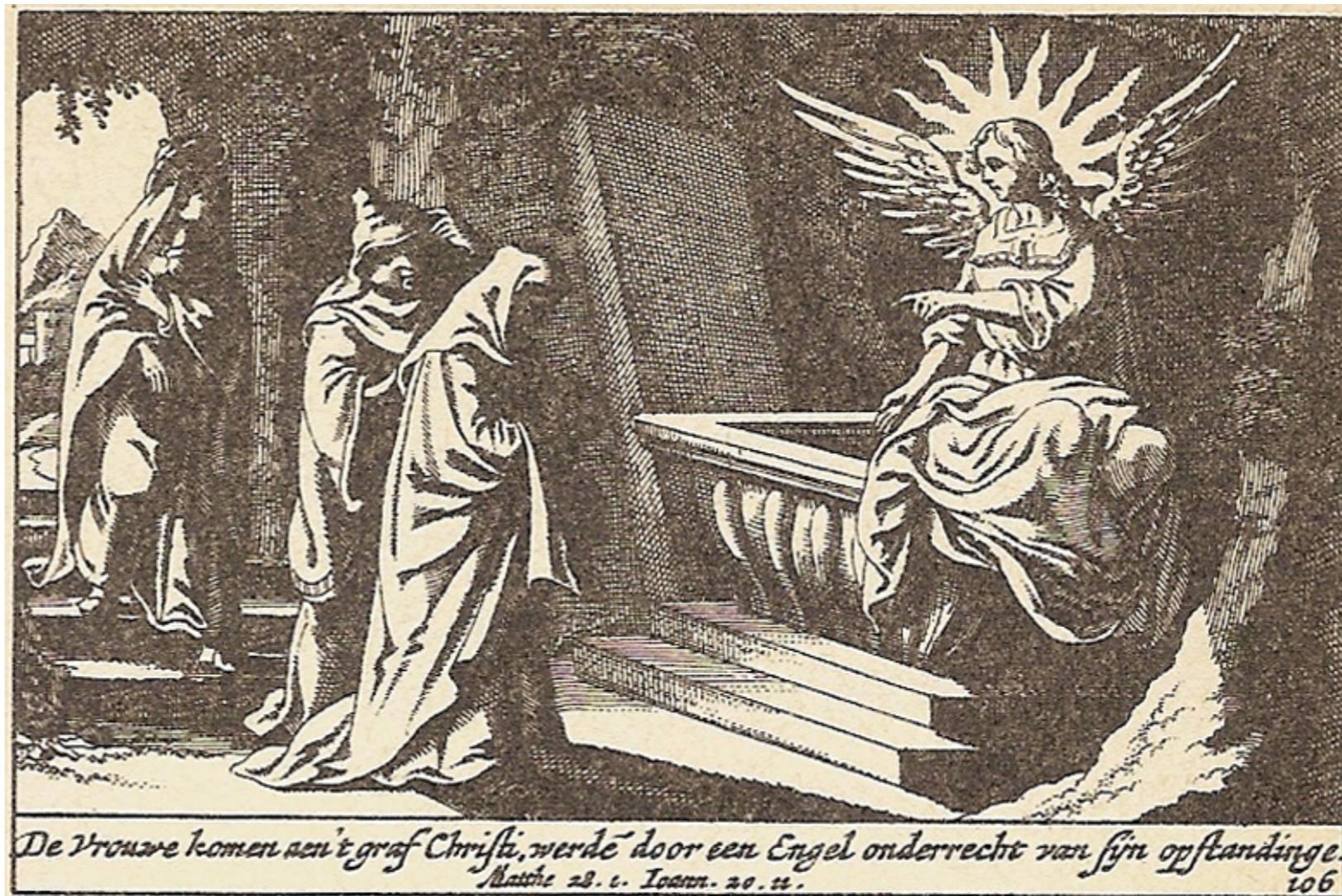
Jo 13:9-9, A lavagem dos pés, mãos e cabeça a Simão Pedro.



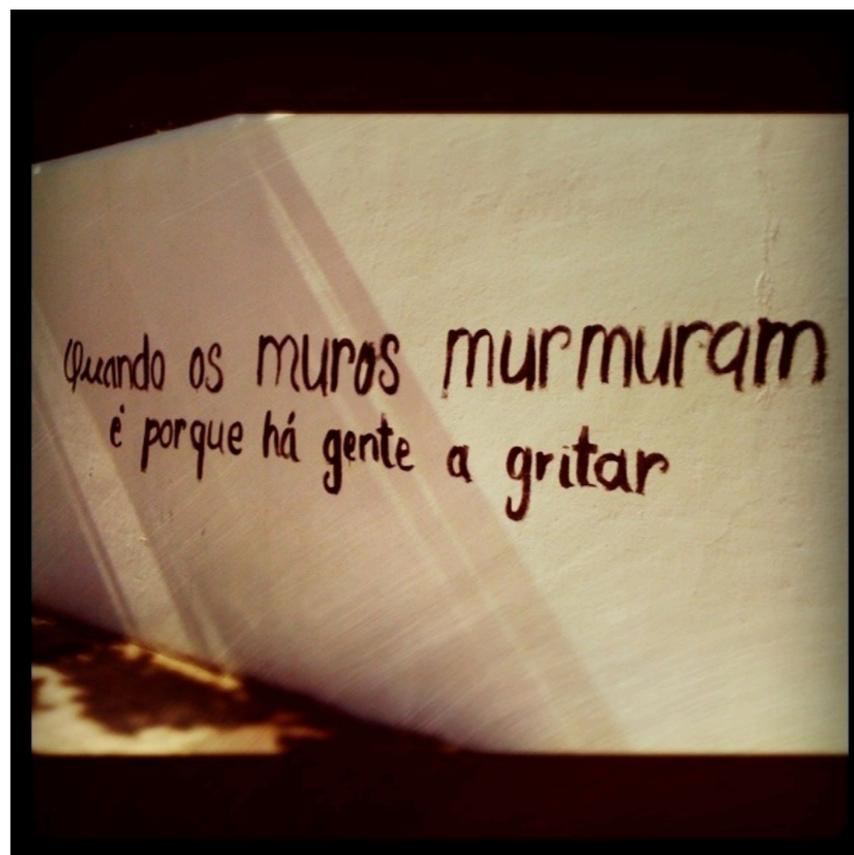


Jo 20:14-16, Jesus aparece a Maria Madalena.





Mt 28:5-7, Um anjo diz às mulheres que Jesus ressuscitou.



“Pare, Escute e Olhe” | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira).

Quando os muros murmuram  
é porque há gente a gritar

---

**traços das  
heranças**

---



## **S. Cucufate, *villa romana*: 40 anos depois**

Maria Conceição Lopes | CEAACP/FCT/UCoimbra



Há quarenta anos, em Agosto de 1979, iniciavam-se as escavações na villa romana de S. Cucufate.

A organização técnica e científica do projecto de trabalhos, a colaboração internacional, o envolvimento de estudantes e de gentes do concelho haveria de trazer para a arqueologia portuguesa um dos mais importantes sítios arqueológicos de Portugal e a mais bem conservada villa romana na Lusitânia.

Testemunho evidente da actividade agrícola em época romana, a sua ocupação como mosteiro na Idade Média e, depois, ainda no século XVIII como ermitério, os casarões de S. Tiago, como na toponímia local se identificam as instalações do proprietário rural do século IV d. C, marcaram a história antiga e a economia da região e, por no seu resgate se terem envolvido tantas gentes, pontuou a história cultural recente do concelho.

Publicada em livro, em francês, a villa romana de S. Cucufate atravessou, contudo, uma língua comum: aquela que todos os verões colocava em contacto várias dezenas de alunos, franceses e portugueses, e outros tantos trabalhadores vindos das aldeias do concelho. O diálogo que todos os dias se construía tinha o seu resumo e tradução na Adiafa, momento que concluía e eternizava a comunhão dos envolvidos, sempre pautado pelos grupos de cantares que eram convidados para a reunião. Encontro marcado na adega onde o vinho da talha, o pão, o queijo, os enchidos, o presunto e as azeitonas aplainavam as vozes que aos poucos se soltavam pelo tempo da planície.

Celebrar 40 anos das escavações de S. Cucufate é, antes de mais, celebrar a planície e os seus homens imortalizados no cante: os trabalhadores agrícolas que encontram seus ancestrais na villa romana de S. Cucufate. Mas é, também, celebrar a ciência que junta a ciência académica e a ciência da vida; que associa a academia com o poder municipal; que organiza o trabalho conjunto e partilhado para alcançar um bem maior.

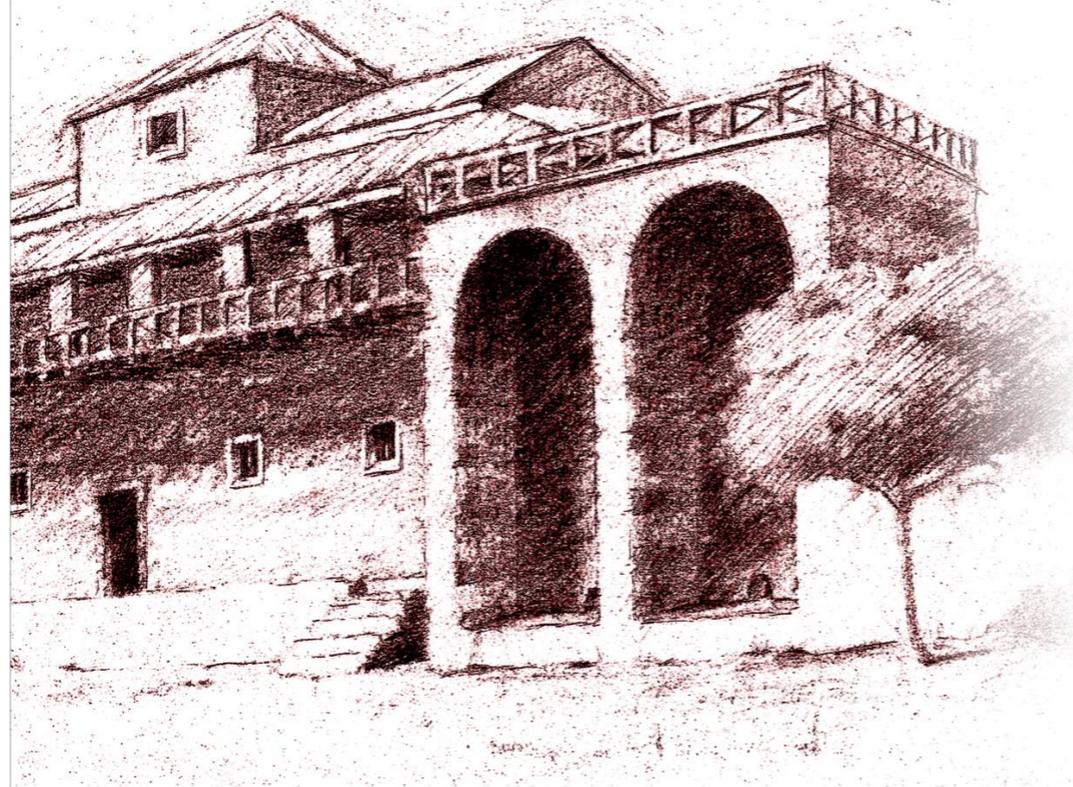
Quarenta anos depois, e mesmo se a planície mudou, apresentamo-nos, os mesmos, para celebrar o bem maior: Um bem arqueológico e patrimonial ímpar, que importa dar a conhecer melhor ao mundo e um bem cultural imprescindível que, por ser impensado, alcançou o passado com a armadura da partilha no presente.

A comemoração dos quarenta anos de investigação arqueológica contempla a realização de um conjunto de iniciativas que visam religar as comunidades que geradas num trabalho em comum. Nestas iniciativas, destaca-se um seminário internacional e a instalação artística INTEMPORAL.

S. Cucufate não deixará apagar o som que da terra saía cada vez que nos juntávamos para a dar início à Adiafa e, quatro décadas depois, reunimo-nos novamente para inundar a terra com a nossa voz.

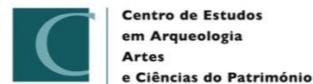
# S. CUCUFATE

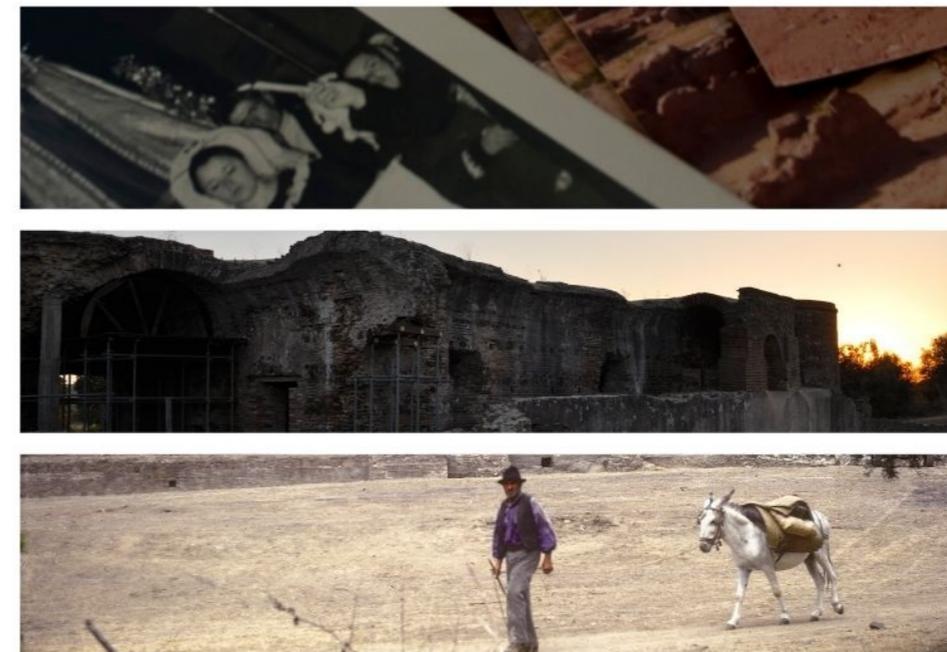
## UM REENCONTRO 40 ANOS DEPOIS



### CONVITE

O Presidente da Câmara Municipal de Vidigueira, Rui Raposo, a Diretora Regional de Cultura do Alentejo, Ana Paula Amendoeira e a Coordenadora do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra, Maria Conceição Lopes, têm a honra de convidar V. Exa para as iniciativas que integram o Programa de Comemoração do 40.º aniversário do início dos trabalhos de investigação arqueológica na *villa* romana de S. Cucufate, na freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira.





INSTALAÇÃO COLABORATIVA SITE SPECIFIC

## INTEMPORAL

ESTRATÉGIAS PARA HABITAR UM MONUMENTO

A. González Soca

**40º Aniversario do inicio dos trabalhos  
de investigação arqueológica S.Cucufate**

22 de Setembro  
Inauguração

Município de Vidigueira  
Direção Regional de Cultura do Alentejo  
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e  
Ciências do Património da Universidade de Coimbra  
Junta de Freguesia de Vila de Frades



Cartazes de:

Seminário internacional “A villa romana de S. Cucufate no mundo romano”  
Instalação INTEMPORAL, da autoria de A. González Soca

Mais informação em: <http://ceaacp.uc.pt/40-o-aniversario-do-inicio-dos-trabalhos-de-investigacao-arqueologica-na-villa-romana-de-s-cucufate-vidigueira/>



Registos das atividades: em cima, o seminário internacional; em baixo, a instalação INTEMPORAL. Fotos de Manuel Carvalho.



## S. Cucufate, ou o suave ondular da seara do tempo, II\*

Rafael Alfenim | CEAACP-UCoimbra | DRCAlen | ICOMOS-Portugal (texto)

Manuel Carvalho | Câmara Municipal de Vidigueira (fotografia)

## ***E livres habitamos a substância do tempo\*\****

Comemorar o quadragésimo aniversário do início dos trabalhos de investigação arqueológica em S. Cucufate, numa perspectiva muito pessoal, é voltar a um lugar de onde, na verdade e desde esse momento inicial que agora se comemora, nunca saí, é voltar ao princípio e aos princípios, é retornar às coisas como as coisas devem ser.

Neste mundo, onde tantos valores tínhamos por adquiridos, assistimos no presente a um retrocesso civilizacional que nos encaminha para vias cujo destino não queremos, não podemos querer, mas que se afiguram quase como inevitáveis. E não se pense que o universo das verdades alternativas se limita ao mundo da política, ele progride para as ciências, alastrando como uma mancha de obscurantista óleo sujo, chegando a muitos e inusitados lugares. O património cultural não é exceção e as abordagens práticas contemporâneas, cada vez mais redutoras, tendem a despir da sua essência estes valores identitários e de memória e se, por um lado, não se podem deixar de fazer as grandes operações de resgate no âmbito das grandes obras públicas justificando, de alguma forma, abordagens meramente técnicas e processuais, por outro, nada justifica que intervenções programadas ao longo de anos, em conjuntos com elevado valor simbólico, de memória, histórico, artístico e arqueológico, sigam idênticas metodologias.

\* Título semelhante a um já utilizado em: 2005 - São Cucufate ou o Suave Ondular da Seara do Tempo, in LOPES, M.<sup>a</sup> da Conceição e VILAÇA, Raquel (coordenação), "O Passado em Cena: Narrativas e Fragmentos, Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão", ed. CEAUCP/UC, aqui propositadamente retomado para, teimosamente, usar uma vírgula entre São Cucufate e ou, porque não se trata de uma coisa ou outra indiferentemente, trata-se, sim, de apenas uma e a mesma coisa duas vezes repetida!

\*\* Sophia de Mello Breyner Andresen, 25 de abril, in O Nome das Coisas, Assírio & Alvim, 2019.



São Cucufate, Vila de Frades, Vidigueira  
© Manuel Carvalho, 2019

O Estado Novo instrumentalizou o património cultural, a história, o conhecimento, criou uma direção-geral que, em parte, se ocupava dos monumentos, que os adaptava ao discurso oficial, que demonstrava as grandezas passadas de uma suposta nação global, Portugal, muitas raças um só povo. No pós 25 de abril seguiram-se felizmente outros caminhos e assumiu-se que o património cultural teria uma função social e cultural, de conhecimento e de história abordados de maneira científica, por um lado, e promovendo o desenvolvimento social, cultural e económico por outro, mas por esta ordem, conhecimento primeiro, difusão cultural depois e, por fim, desenvolvimento sustentável a partir, entre outros, dos recursos culturais. Quarenta e cinco anos depois daquele "... dia inicial inteiro e limpo/...", nas palavras da poeta, vemos com apreensão a pressa de adaptar, a pressa de, supostamente, conservar e restaurar, de dar novos usos, sem tempo para estudar, sem tempo para aprofundar conhecimento, sem tempo para investigar, sem tempo para

divulgar, sem tempo, por tanto, para ponderar, para equilibrar as novas intervenções com o conhecimento e com o valor intrínseco, histórico, patrimonial e de memória e é por isso que, termos voltado a S. Cucufate nos passados dias 21 e 22 de setembro de 2019, rememorando um processo exemplar, reunindo alguns dos seus atores, juntando novos protagonistas, procurando novos caminhos, se nos afigura de especialíssima pertinência. Não nos fiquemos pela comemoração!

***Não nos fiquemos pela comemoração!***



## Seminário Internacional “A villa romana de S. Cucufate no mundo romano”

Rui Raposo, Presidente da Câmara Municipal de Vidigueira

Paula Amendoeira, Diretora da DRC Alentejo | CEAACP - Universidade de Coimbra

Maria Conceição Lopes, Coordenadora do CEAACP | CEAACP - Universidade de Coimbra

Jorge de Alarcão, Diretor do projeto de investigação de São Cucufate | CEAACP - Universidade de Coimbra

Françoise Mayet, Diretora do projeto de investigação de São Cucufate

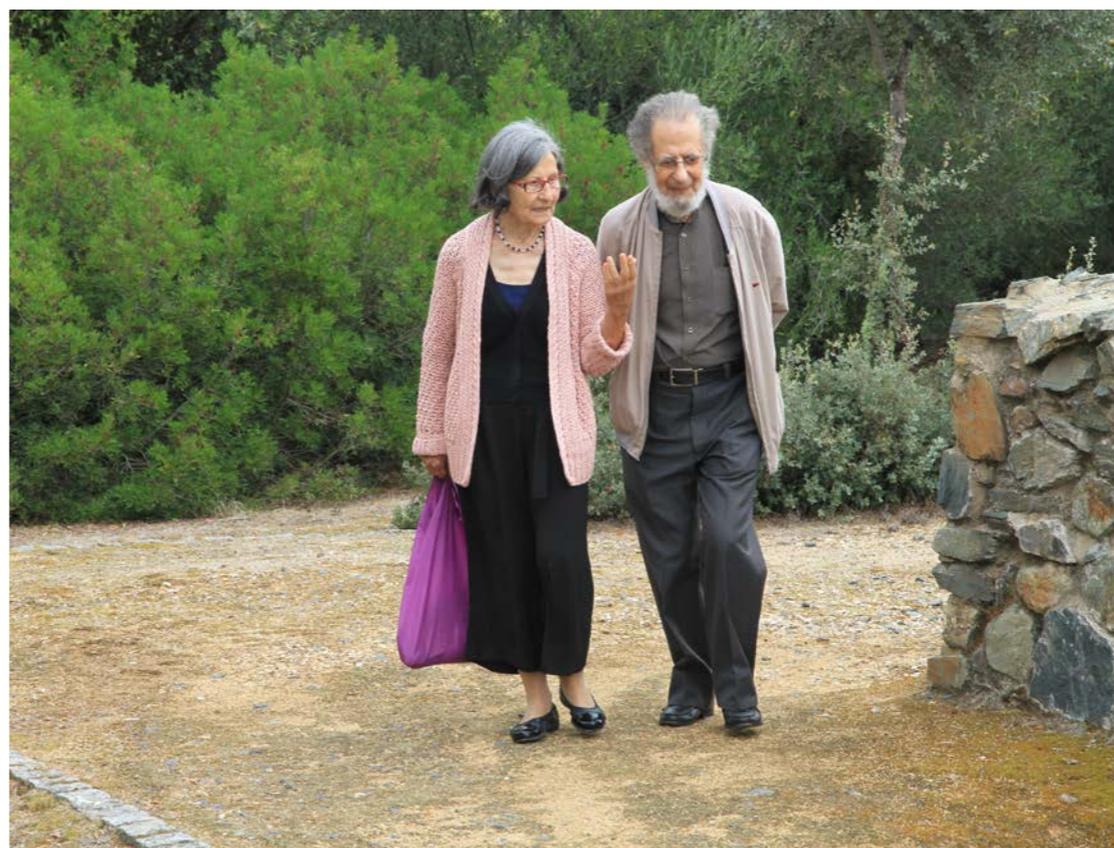
José D'Encarnação | CEAACP - Universidade de Coimbra

Gérard Charpentier, CNRS Maison de l'Orient et de la Méditerranée, Arquiteto do Projeto S. Cucufate

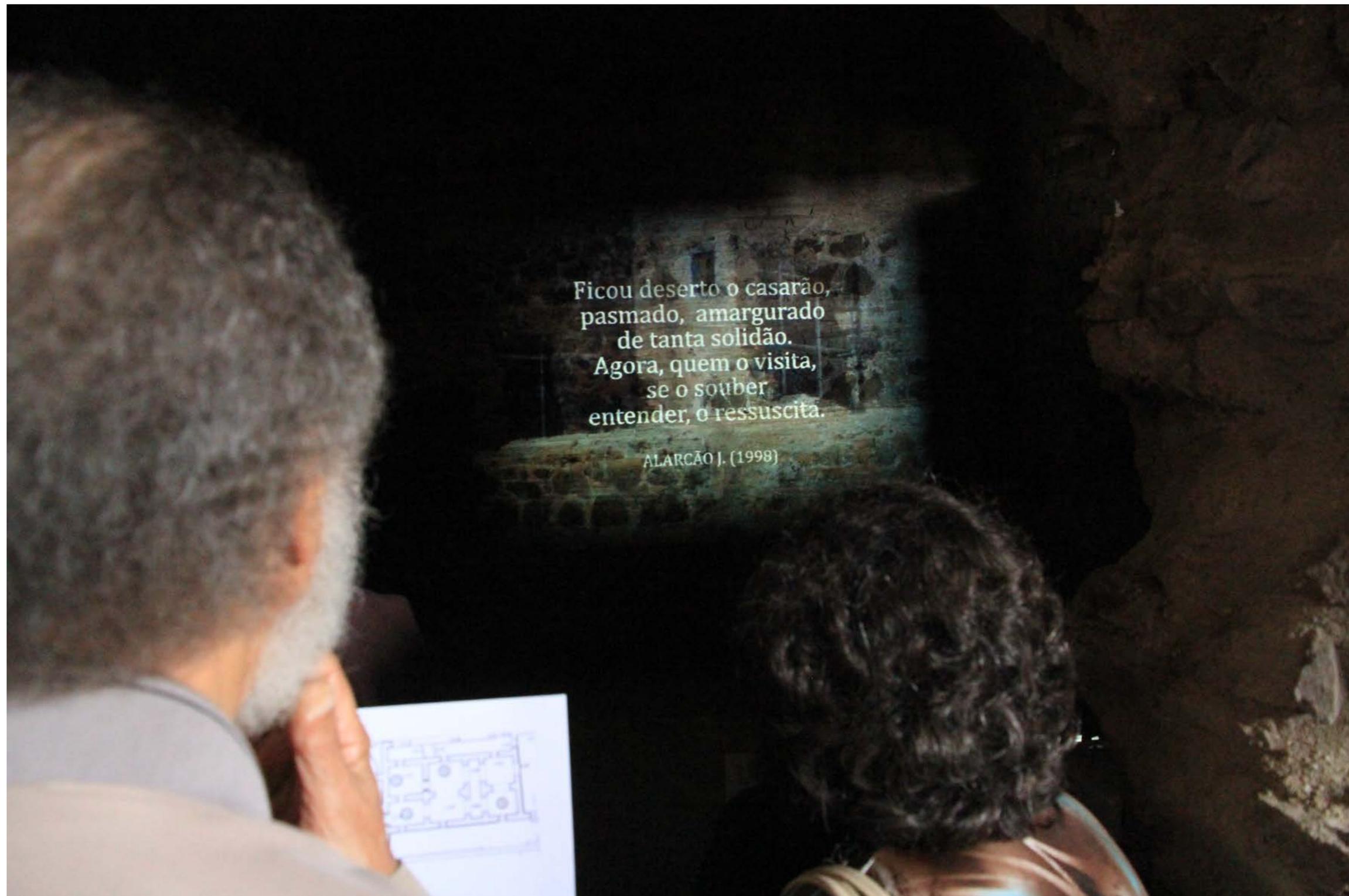
© Manuel Carvalho, 2019



Foto de grupo no final do Seminário Internacional "A villa romana de São Cucufate no Mundo Romano"  
© Manuel Carvalho, 2019



Dia aberto em São Cucufate.  
© Manuel Carvalho, 2019



Inauguração da instalação INTEMPORAL de Alejandra González Soca  
© Manuel Carvalho, 2019



Cruzamento de patrimónios, a instalação INTEMPORAL, o Cante com o Grupo Os Vindimadores da Vidigueira na Adiafa... o dia aberto em S. Cucufate  
© Manuel Carvalho, 2019



Dia aberto em São Cucufate.  
© Manuel Carvalho, 2019



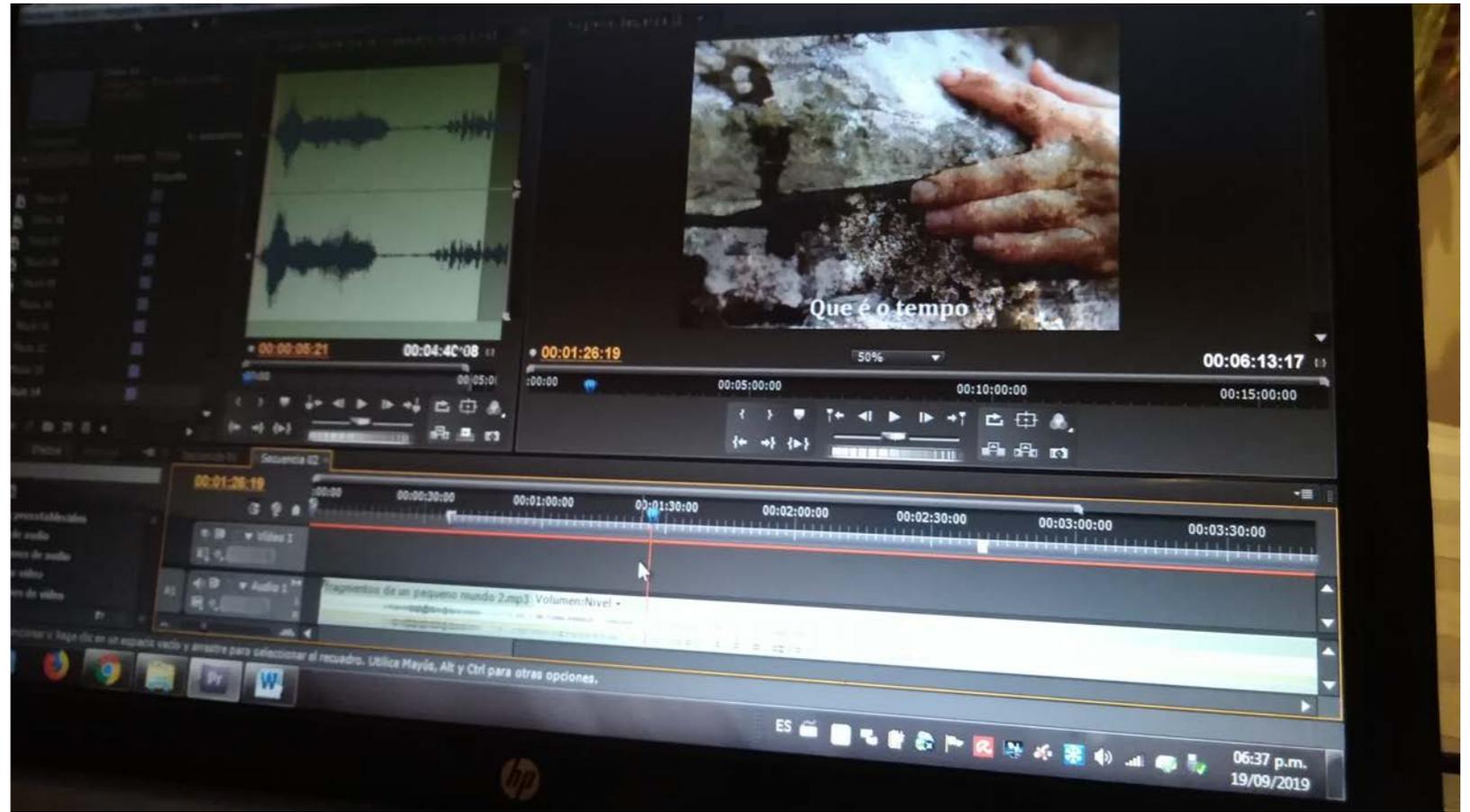
# **INTEMPORAL**

## **Estratégias para habitar um monumento**

Alejandra González Soca | Universidad Católica del Uruguay (Ucu) - Facultad de Ciencias Humanas | Colaboradora do CEAACP



Intemporal | Processo (pormenor). Foto de A. González Soca



*Ficou deserto o casarão, pasmado,  
amargurado de tanta solidão.*

*Agora, quem o visita, se o souber entender, o  
ressuscita.*

J. Alarcão

Intemporal | Processo. Foto de A. González Soca

O projeto Intemporal: estratégias para habitar um monumento surge como uma instalação colaborativa *site specific*, que foi realizada no âmbito do 40.º aniversário do início dos trabalhos de investigação no sítio arqueológico de São Cucufate. A instalação articulou práticas artísticas, o vínculo com as diversas comunidades envolvidas nos trabalhos de escavação, a valorização do sítio arqueológico e um trabalho específico de campo como estratégia poética e política de ação.

A organização desta iniciativa implicou a diversos atores, como a Câmara Municipal de Vidigueira, a Direção Regional de Cultura do Alentejo, o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), bem como a Junta de Freguesia de Vila de Frades.

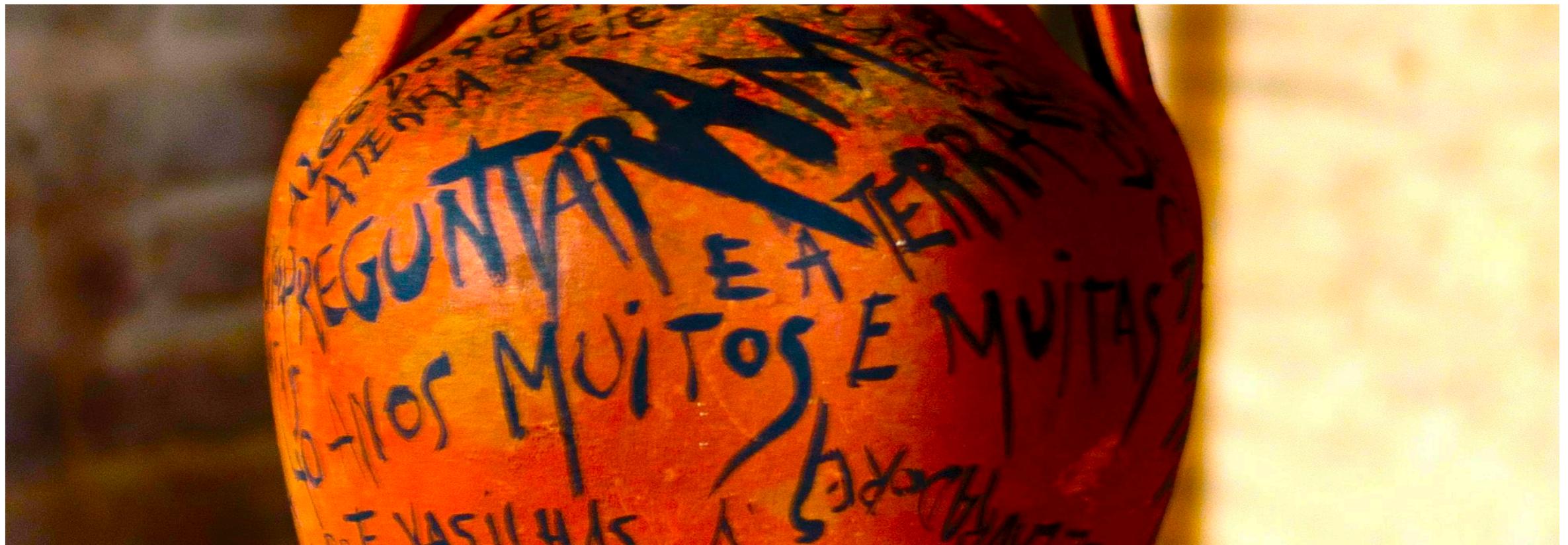
A experiência teve como antecedente a intervenção realizada no ano de 2016 chamada **Fragmentos de um pequeno mundo**, desenvolvida a partir de um convite do CEAACP para formar parte do projeto “*Os livros da Terra: chão escutado*”, que se inscrevia em um contexto de encontro de vários modos de abordagem do património e da terra. Nesse contexto, o foco esteve em estabelecer o diálogo entre as noções de memória, contexto e visibilidade que se apresentavam a partir de múltiplas capas, ativadas simultaneamente, como um palimpsesto. Essas capas de histórias tomaram forma através de elementos do lugar como matéria prima ou ferramenta, integrando as próprias estruturas da construção – como os andaimes de sustentação – evidenciando a natureza *site specific* e efêmera do projeto. Na inauguração, participou a comunidade local, reavivando o vínculo com o espaço e com a memória dos trabalhos arqueológicos. O afeto enraizado manifestou-se como uma força potente. Ainda sem saber, assim começava a gestação da trama do novo projeto; o **INTEMPORAL**.

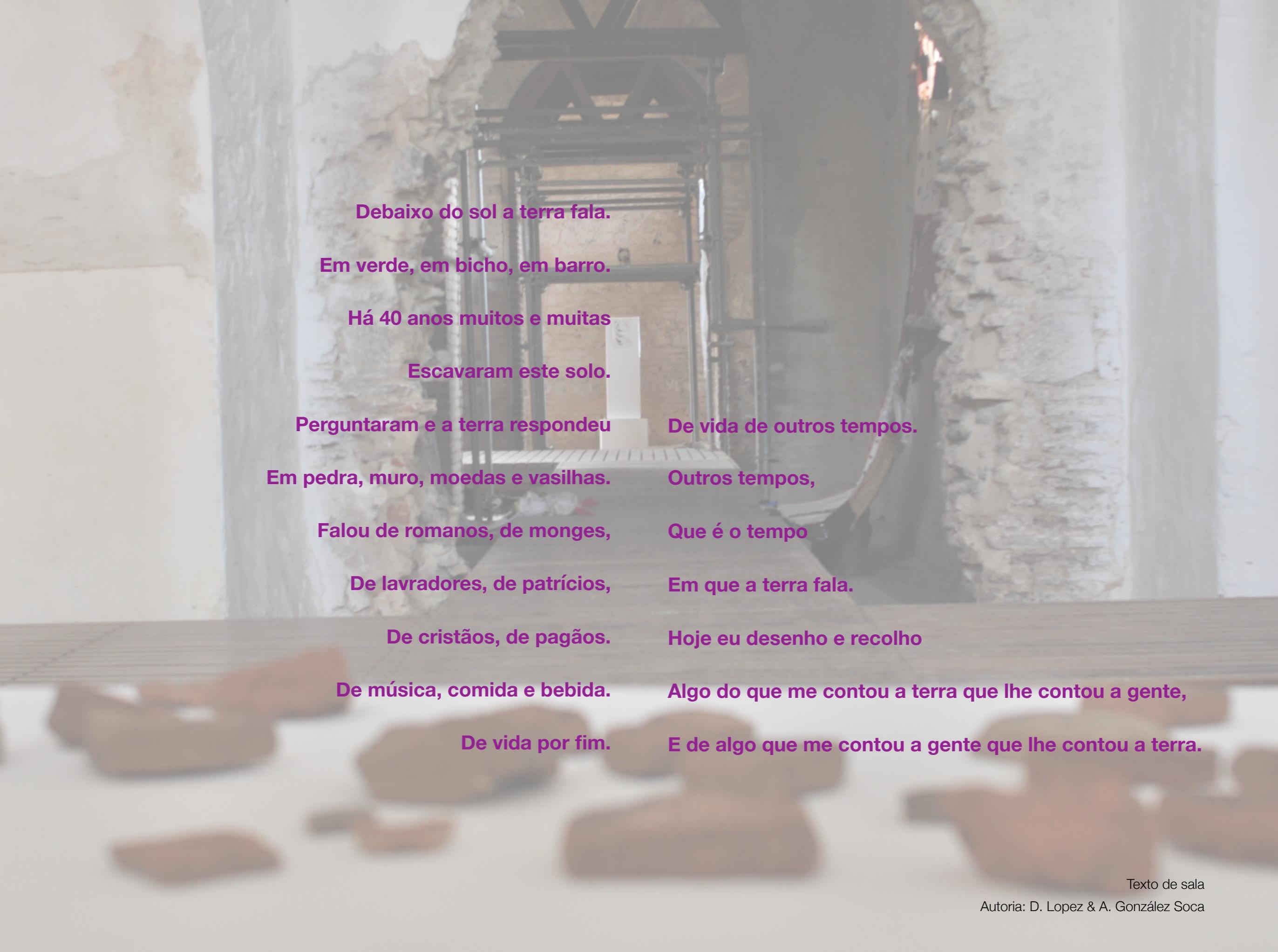
Por seu lado, Intemporal propiciou o recordar como voltar a passar pelo coração, aspirando reativar laços de vínculo e afeto como espaços de construção de sentido. Esta comemoração reuniu comunidade e pesquisadores, reconstituindo uma cartografia anedótica que reaparece a partir desses blocos de memórias que constituíram um espaço cotidiano.

Nesse sentido, a seleção das peças integraram a condição de recolção reflexiva e de observação participante, através da confluência com pessoas, anedotas e ações, retornando a um “como se” antropológico subjetivo, que oportunizou o resgate daqueles que resgataram, desde o sentido do acontecimento, bem como as marcas que foram deixadas na vida dos envolvidos. Para além do vincular e da celebração, esse tipo de tarefa pública fica, muitas vezes invisibilizada, são histórias mínimas sem as quais os grandes empreendimentos seriam impossíveis.

A materialidade do monumento concedeu à experiência um caráter atemporal que se ressignificou em cada pedra, rastro e textura, um espaço que entrelaçou uma trama histórica entre as vivências daqueles que o fizeram ressurgir e dos que ainda seguirão transitando por ele. A escuta e o processo de acumulação material e experiencial foram as chaves para capturar imprecisas dimensões, tais como identidade, património, pertença e comunidade, gerando suportes físicos para preservar os fragmentos de uma temporalidade sensível.

O campo do esperável abriu-se, (des)desenhou-se as fronteiras disciplinares e cotidianas desde um estranhamento na forma de habitar monumento. Neste contexto, não se pretendeu chegar a respostas conclusivas. Em definitiva, o olhar externo e estrangeiro da artista traduz, sem pretensões totalizantes, a percepção de uma cronista que desde sua experiência indagou na episteme possível das histórias e dos objetos encontrados e criados.





**Debaixo do sol a terra fala.  
Em verde, em bicho, em barro.  
Há 40 anos muitos e muitas  
Escavaram este solo.  
Perguntaram e a terra respondeu De vida de outros tempos.  
Em pedra, muro, moedas e vasilhas. Outros tempos,  
Falou de romanos, de monges, Que é o tempo  
De lavradores, de patrícios, Em que a terra fala.  
De cristãos, de pagãos. Hoje eu desenho e recolho  
De música, comida e bebida. Algo do que me contou a terra que lhe contou a gente,  
De vida por fim. E de algo que me contou a gente que lhe contou a terra.**

**Lista de obras**

## Convivência

Peça arqueológica do Sítio de S. Cucufate.  
Ferramentas utilizadas pelo Mestre João Roque «João Firmo».





Handwritten text in a decorative border, possibly in Arabic or Persian script, located on the left wall of the museum.

Handwritten text on a small plaque or label placed on the pedestal in front of the drawing.



## Conexões variáveis

Peça interativa

Restos de cerâmicas e tijolos encontrados nas proximidades da estação, tinta.

Dimensões variáveis.





## Tramas

Carvão vegetal sobre pano cru.

Sobreposição de imagens de arquivo pertencentes a diferentes épocas.

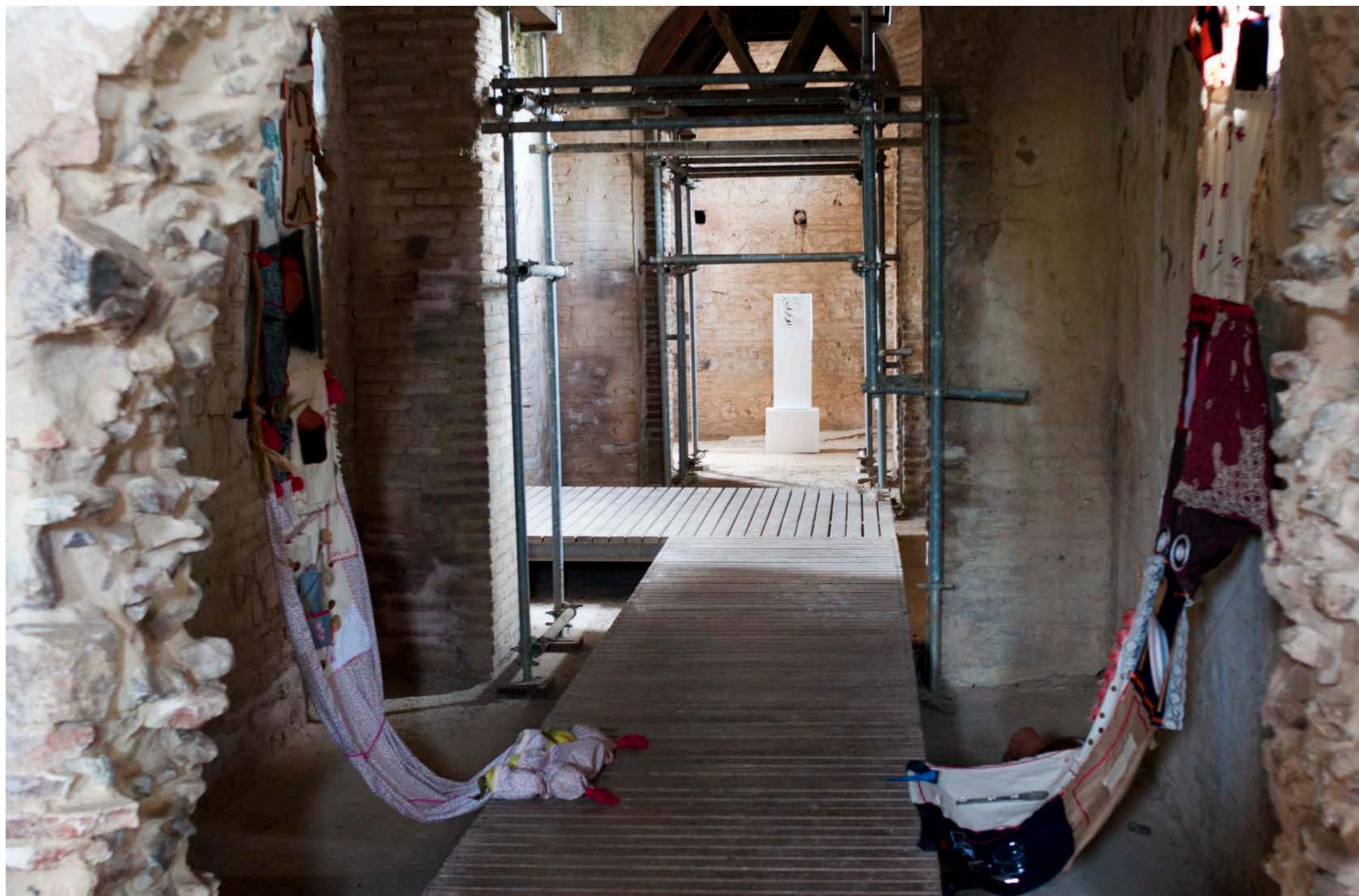
Dimensões: 350 cm x 180 cm





Peça têxtil realizada a partir da colaboração com grupos de Vidigueira e Vila de Frades.

(Dimensões variáveis)



Participantes: M<sup>a</sup>. Joaquina; Francisca D.; Francisca M.; M<sup>a</sup>. Antónia; José G.; Custódia; M<sup>a</sup>. Engrácia; Isaura; Arminda; Lídia; Idália; Joaquim; Rosália; Teresa; Rita; M<sup>a</sup>. João B.; Norberto; M<sup>a</sup>. João R.; M<sup>a</sup>. Gertrudes; Carmen; M<sup>a</sup>. Romana; Mariana; Ricardina; Felisbela; Aires; Prof. Paulo Coelho.

## Bordes

Vídeo

Registo da performance: Manuel Carvalho.

Som original: Dany López

Música “São Cucufate” de António Pilrito.





Mararam e a terra responde



## Releituras

Papel de algodão, tinta, arquivo fotográfico.

Dimensões variáveis



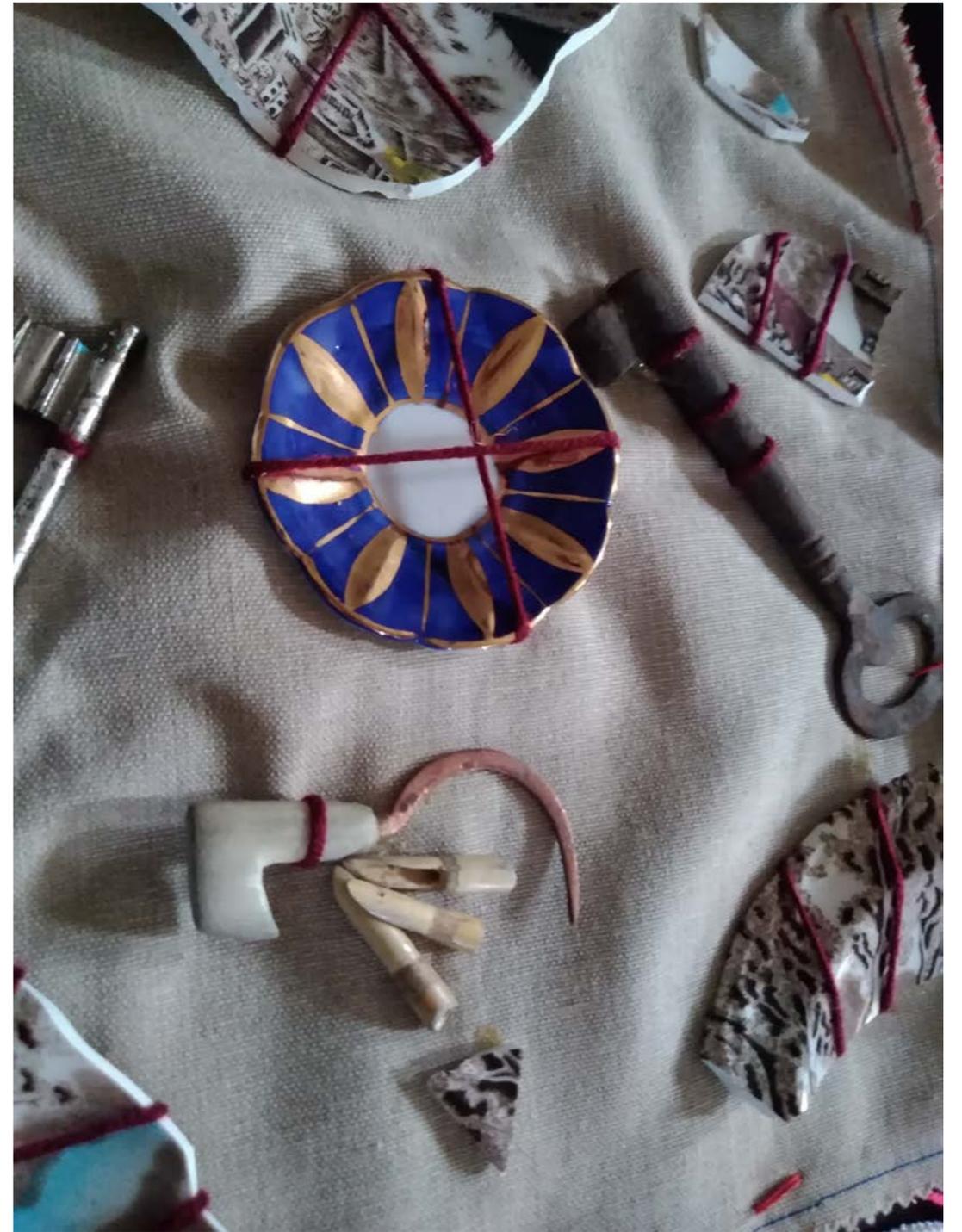


## Desenhos arqueológicos

Manuel Carvalho, 1987-1988

Papel vegetal, tinta.





# Processo

Fotos de Manuel Carvalho, 2019



Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

